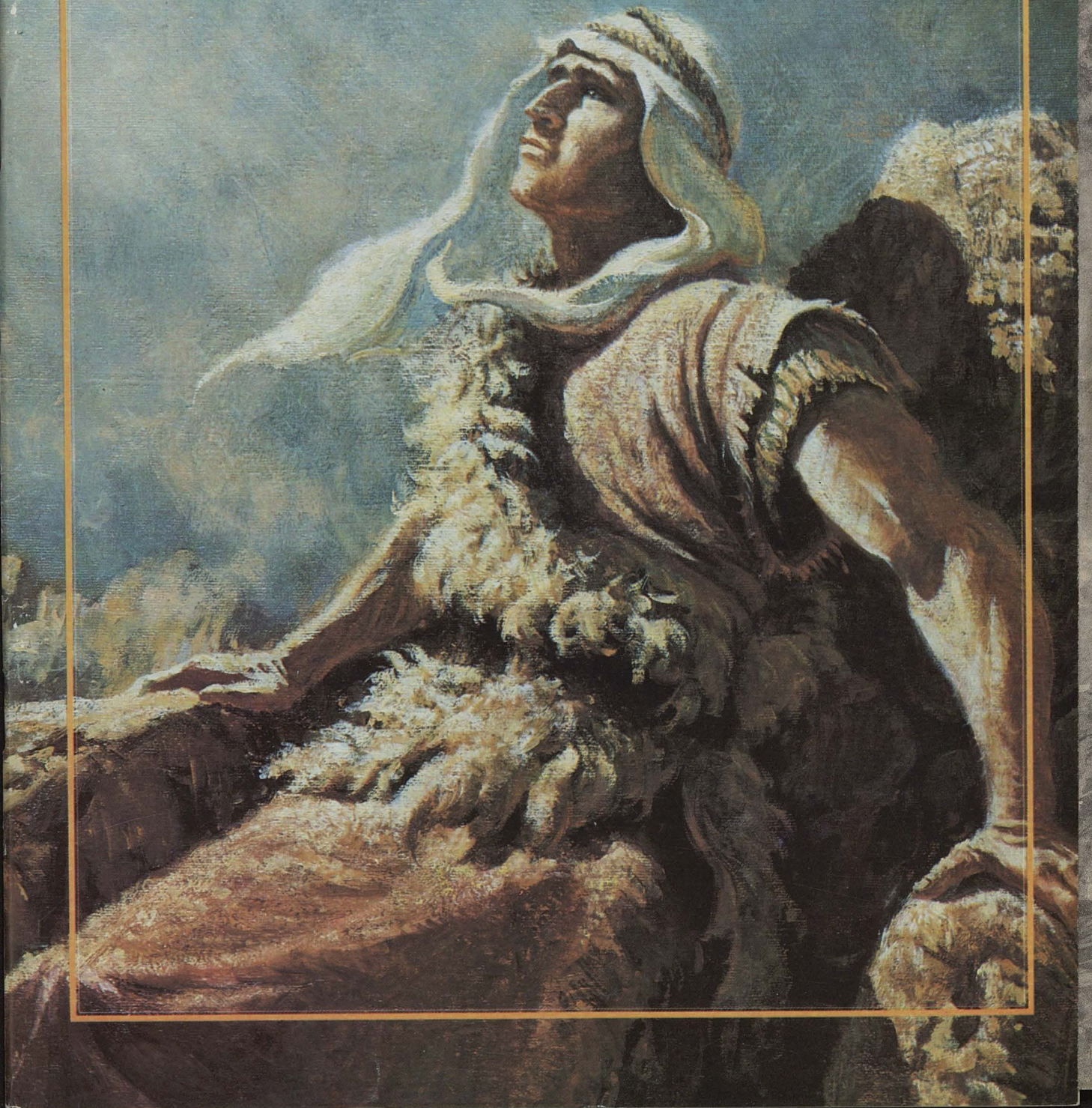


# A LIAHONA

SETEMBRO DE 1988



# A LIAHONA

Setembro de 1988 Volume 41 nº 9  
PBMA8809PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:  
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:  
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, Gene R. Cook, William R. Bradford, Keith W. Wilcox

Editor: Hugh W. Pinnock  
Diretor das Revistas da Igreja: Ronald L. Knighton

International Magazines:  
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente: Ann Laemmlen

Editora Assistente/Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Sydney N. McDonald

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:  
Diretor Responsável: José Maria Arias

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica: Dario Mingorance

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: "Visão de Néfi", por Clark Kelly Price, 1980. Cortesia de Carl Spoerl.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: C\$ 860,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: C\$ 80,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Capistrano de Abreu, 210 - Fone: 418-4071 - Jordanópolis - S.B.C. - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Published monthly by the Corporation of the President of The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints. Application to mail at second class postage rates is pending at Salt Lake City, Utah. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America. Subscription information telephone number 801-531-2947.

POSTMASTER: Send form 3579 to A Liahona at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, United States of America.

## ÍNDICE

### 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:

BUSCAI O ESPÍRITO DO SENHOR Presidente Ezra Taft Benson

### 7 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:

"A CARIDADE NÃO SUSPEITA MAL"

### 8 CARREGAI A VOSSA CRUZ Élder Marvin J. Ashton

### 10 FURACÃO Eileen F. M. Bell

### 13 A CAMINHO DA REALIZAÇÃO DE UM MILAGRE Mary Ellen Edmunds

### 17 ÉLDER CHARLES DIDIER Edwin O. Haroldsen

### 23 O QUE O LIVRO DE MÓRMON SIGNIFICA PARA MIM:

RECONHECI O AUTOR Roberto Manes

### 25 "SAMARITANOS" SUÍÇOS Karen L. Brown

### 26 UMA FÉ IMPERTURBÁVEL Élder James E. Faust

### 32 EXPERIÊNCIA MÓRMON: "MARATONA" NO MÉXICO Brigida A. de Perez;

A VERDADEIRA LUZ Martina Schuebel; SUAS PALAVRAS SE

CUMPRIRÃO Erika Heymann; ELES ESPERAVAM OS ÚLTIMOS-

SACRAMENTOS Richard L. Emery

### 37 PERGUNTAS E RESPOSTAS

Anjos da guarda, Larry Dahl; Orações Sacramentais, Doreen Woolley

### 48 MEU PAI E O HOMEM CEGO Dennis K. Allen

## ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

### 41 MENSAGEM MÓRMON

### 42 O TESTEMUNHO DO EXEMPLO Joseph Milner

### 44 UMA LIÇÃO NO FRIO Gregory Glenn

### 47 LEMBRO-ME DAQUELAS PALAVRAS Trista Crossley

## SEÇÃO INFANTIL

### 2 TEMPO DE COMPARTILHAR:

MÓRMON, UM PROFETA VALENTE Pat Graham

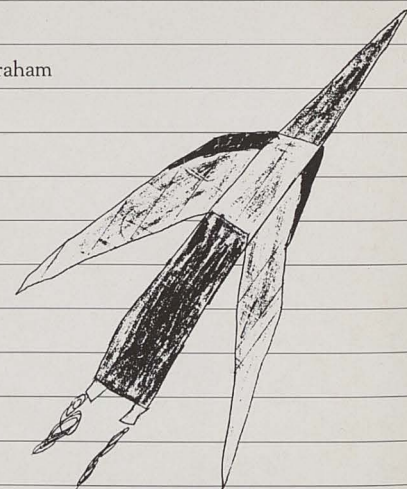
### 4 AMIGOS EM NOTÍCIA

### 5 AMIGOS CRIATIVOS

### 6 VACAS E UM FORCADO LeRoy Barney

### 8 SÓ PARA DIVERTIR: CRIATURAS DA

FLORESTA Carol Conner



## SEÇÃO INFANTIL

O APARECIMENTO DO LIVRO DE MÓRMON  
DEPOIS DE QUATRO ANOS DE INSTRUÇÕES PELOS ANJOS, JOSEPH SMITH RECEBEU  
DO ANJO MORÔNÍ AS PLACAS DE OURO NO DIA 22 DE SETEMBRO DE 1827. TRÊS ANOS  
MAIS TARDE, A SAGRADA MENSAGEM TRADUZIDA DAS PLACAS FOI  
PUBLICADA COMO O LIVRO DE MÓRMON.



# MÓRMON: UM PROFETA VALENTE



**Pat Graham**

Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus. (Mosiah 2:17.) Imaginem se lhes pedissem que anotassem todas as coisas que o povo de seu país faz. Depois, imaginem se lhes pedissem que escrevessem um pequeno relato de tudo o que aconteceu durante os últimos mil anos da história do povo de vocês.

Enquanto estão fazendo isso, seu povo está em guerra, e vocês precisam esconder-se para proteger o que escreveram. Vocês não podem usar uma máquina de escrever ou computador, nem mesmo lápis e papel, mas têm de gravar tudo em placas de metal, para que seu registro possa ser enterrado em segurança.

O Profeta Mórmon fez essas coisas. Seus escritos são chamados de "O Livro de Mórmon". Pode ser que nunca lhes peçam que façam o que Mórmon fez, mas não importam as coisas difíceis que tenham de fazer, vocês podem ser servos valentes como Mórmon.

## Instruções

Leia as afirmações sobre Mórmon, depois combine-as com as gravuras certas (você também pode colorir as gravuras).

1

Um bom homem chamado Amaron escreveu sobre seu povo. Depois, escondeu o registro, para que as pessoas não pudessem achá-lo. (Ver 4 Néfi 1:47-49.)

2

Quando Mórmon tinha apenas dez anos, Amaron contou-lhe onde estavam os registros. Ele disse que, quando Mórmon completasse vinte e quatro anos, deveria tirar as placas do lugar onde estavam escondidas. (Ver Mórmon 1:2-4.)

3

Mórmon era um menino sério e obedecia aos mandamentos de Deus. Quando tinha quinze anos, o Salvador o visitou. (Ver Mórmon 1:15.)

4

Embora tivesse apenas dezesseis anos, era um bom líder e foi escolhido para comandar os exércitos nefitas. ele o fez durante muitos anos. (Ver Mórmon 2:1-2.)

5

Finalmente, os lamanitas fizeram os nefitas se dirigirem para o norte. Mórmon tirou as placas de seu esconderijo no outeiro chamado Shim e começou a escrever seu próprio registro nelas. (Ver Mórmon 2:3, 17.)

6

Durante os dez anos seguintes, não houve guerras. Mórmon ensinou o povo a respeito de Jesus, mas seu povo não queria fazer o bem e arrepender-se. (Ver Mórmon 2:23-24; 3:1-3.)

7

Quando houve novas batalhas, os nefitas venceram. Mas como os nefitas não queriam fazer o bem, Mórmon recusou-se a ser líder deles. (Ver Mórmon 3:7-11.)

8

Mais tarde, Mórmon concordou em liderar os nefitas na batalha. No Monte Cumôrah, ele foi ferido e milhares foram mortos. (Ver Mórmon 5:1; 6:1-10.)

9

Mórmon escondeu grande parte dos registros importantes no Monte Cumôrah. Deu as placas de ouro a seu filho Morôni e disse-lhe que terminasse de escrever o registro. (Ver Mórmon 6:6; 8:1.)

10

Anos mais tarde, Morôni escondeu as placas de ouro. Em 1823, ele veio e mostrou a Joseph Smith onde estavam escondidas. Quatro anos depois, Joseph começou a traduzir o registro de Mórmon. (Ver Mórmon 8:5, 13-14.) □



# AMIGOS EM NOTÍCIA

Alô! gostaríamos de colocar suas fotos e desenhos na seção "Amigos em Notícia" e "Nossos Amigos Criativos", de A Liahona. Mande sua fotografia e/ou trabalho artístico com seu nome, idade e país, e um pequeno resumo sobre você para a Divisão de Tradução de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Av. Prof. Francisco Morato, 2430 05512 - São Paulo - SP - Brasil.

Por razões de espaço, as fotos e trabalhos podem não aparecer na revista durante pelo menos seis meses. As idades mostradas são as que aparecem nas fotos ou trabalhos recebidos. Desculpem-nos, mas as fotos e os trabalhos não podem ser devolvidos.



**Roseli Maria de Oliveira Antonik**, 12 anos, São Paulo, SP, Brasil, aprendeu a linguagem por sinais para poder ensinar o evangelho às pessoas surdas.



**Leah Albornoz**, 4 anos, Santiago, Chile, gosta da Primária e de aprender sobre Jesus. Gosta de desenhar e pintar e de assistir a desenhos animados com seu irmão e irmã.



**Jefferson Souza Marta**, 10 anos, São Bernardo do Campo, SP, Brasil, memorizou as Regras de Fé. Gosta de ler as escrituras. Jogar bola é uma de suas atividades preferidas. Também gosta da vida ao ar livre e de animais.

**Carlos Henrique Cardoso**, 8 anos, Trindade, São Gonçalo, Brasil.



**David Albornoz**, Santiago, Chile, gosta de desenhar e de pintar. Joga futebol e gosta de praticar skate.



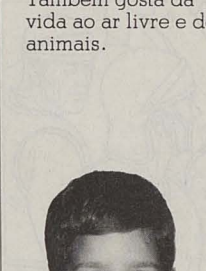
**Cláudia Albornoz**, 3 anos, Santiago, Chile, gosta de ouvir histórias contadas pela sua professora da Primária.



**Nataly Ferreira Coelho**, 4 anos, Campina Grande, PB, Brasil, gosta da Primária. Aprecia ouvir música.



**Vânia Teófilo Alves**, 10 anos, São Paulo, SP, Brasil, quer ser arqueóloga. Gosta de dançar e de fazer discursos na Primária.



**Esdras Pontes Munhoz Dias**, 7 anos, São Paulo, SP, Brasil, gosta de ter o mesmo nome que o Presidente Benson. Gosta de plantas, de animais, de ler e de esportes praticados na escola.

**Dieter Weiss**, 10 anos, São Paulo, SP, Brasil.

**Paula Decco Frederico**, 5 anos, São Paulo, SP, Brasil, quer ser modelo quando crescer. Gosta de animais, brincadeiras, espetáculos de dança e de desenhar.



**Ilka Go**, anos, M Aleman família. Ela gost e de na flauta e



**Priscilla Pontes Munhoz Dias**, 2 anos, São Paulo, SP, Brasil, gosta de brincar com bonecas e com seu gato. Gosta do berçário na Primária.

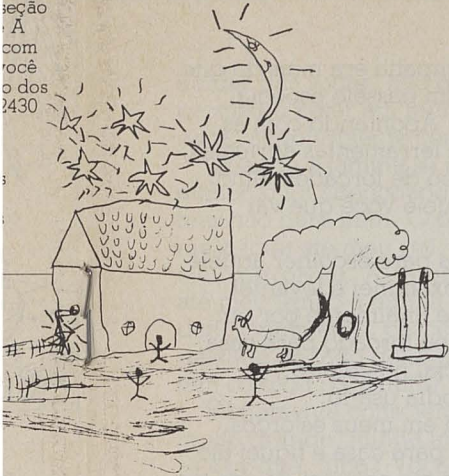


**Sara Rabello da Silva**, 10 anos, Jiparaná, Rondônia, Brasil, diverte-se pedalando sua bicicleta. Gosta de ler as escrituras e de brincar de escola.

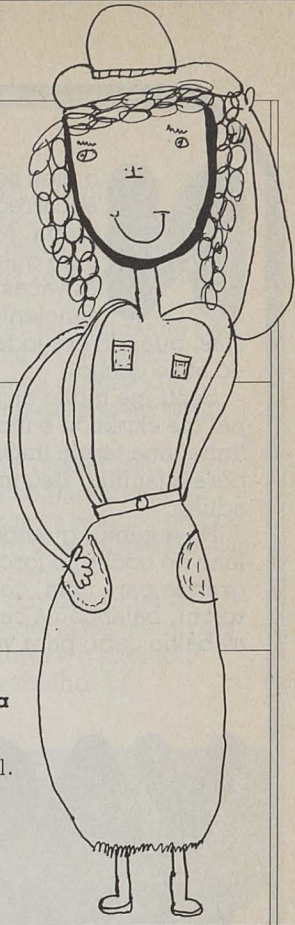


**Dav**, 5 ar Chi

ção  
A  
com  
ocê  
o dos  
2430



**Thays Pontes Munhoz Dias**, 5 anos, São Paulo, SP, Brasil, gosta de falar ao telefone e com amigos. Gosta de ouvir música e de pedalar sua bicicleta.



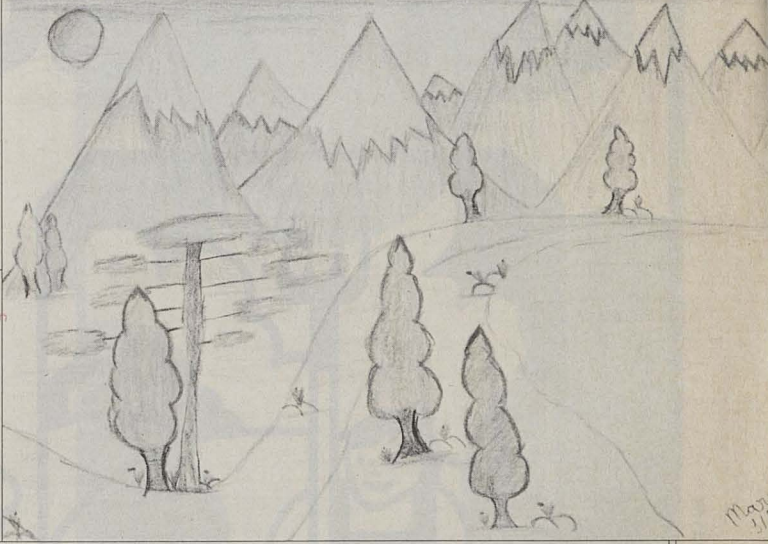
**Sara Rabello da Silva**, 10 anos, Jiparaná, Rondônia, Brasil.

o da  
o, da  
de  
as  
a sua  
a



**Ilka Gorke**, 10 anos, Mannheim, Alemanha, ama sua família e a Igreja. Ela gosta da escola e de nadar. Toca flauta e piano.

**Mariana Medeiros Assed**, 8 anos, São Paulo, SP, Brasil.



o da  
os,  
rasil,  
ua  
osta de  
ras e  
le

**David Albornoz**, 5 anos, Santiago, Chile.

# AMIGOS CRIATIVOS

**N**o meu sétimo aniversário, fui encarregado de minha primeira tarefa. Meu trabalho era recolher o feno que era jogado do monte e dá-lo às vacas. Eu não tinha tamanho suficiente para tirar o feno do monte; mas, quando era jogado no chão, eu podia erguê-lo até o cocho.

Senti-me muito orgulhoso e feliz, quando meu pai me explicou e mostrou-me o que fazer. Eu tinha uma tarefa importante, algo realmente útil para a família. Isso me fazia sentir grande e adulto.

No entanto, quando chegou a hora de pôr o feno no cocho, o forcado era muito pesado e grande para mim, com sua carga de feno. Meu pai sorriu, balançou a cabeça e disse: "Filho, temos o trabalho certo para você, mas a ferramenta

errada." No entanto, sua simpatia era mais do que palavras, pois levou-me a um passeio especial para fazer compras na loja. Apontando com as mãos para as prateleiras de ferramentas agrícolas, papai disse: "Ali há todo tipo de forcados, filho. Escolha o que quiser, porque é você que vai trabalhar com ele."

Devo ter levado uma hora para escolher aquele forcado. Cuidadosamente examinei e levantei cada forcado, decidindo-me finalmente por um deles. E quando levamos meu forcado para casa, pusemo-lo num lugar especial no celeiro. Ninguém mais na família podia usá-lo.

Infelizmente, logo relaxei em meus esforços. Certa noite voltei da escola para casa e fiquei tão interessado em brincar, que me esqueci de dar de comer às vacas.

Minha mãe, muito sábia, não me lembrou de

# VACAS E UM FORCADO

LeRoy Barney



cuidar das vacas, não gritou comigo, nem prometeu bater em mim. Na realidade, não fez nada, simplesmente continuou a preparar o jantar.

Quando a família se juntou à volta da mesa e o alimento foi abençoado, a comida foi servida — mas não para mim. O prato de batatas passou pela mesa toda até meu pai, à minha esquerda, e então ele o devolveu. A carne seguiu pelo lado oposto até meu irmão à minha direita, mas não passou dali. Finalmente, percebi que estava sendo deixado de lado deliberadamente, e disse: — Não tem comida para mim?

Plenamente consciente de meu apetite em geral muito grande, minha mãe sabiamente perguntou: — Por que, filho? Você está com fome? — Olhando para mim com seu sorriso gentil, acrescentou: — Você não tinha uma tarefa a cumprir, quando chegou em casa?

*Então, lembrei-me de minha importante tarefa.*

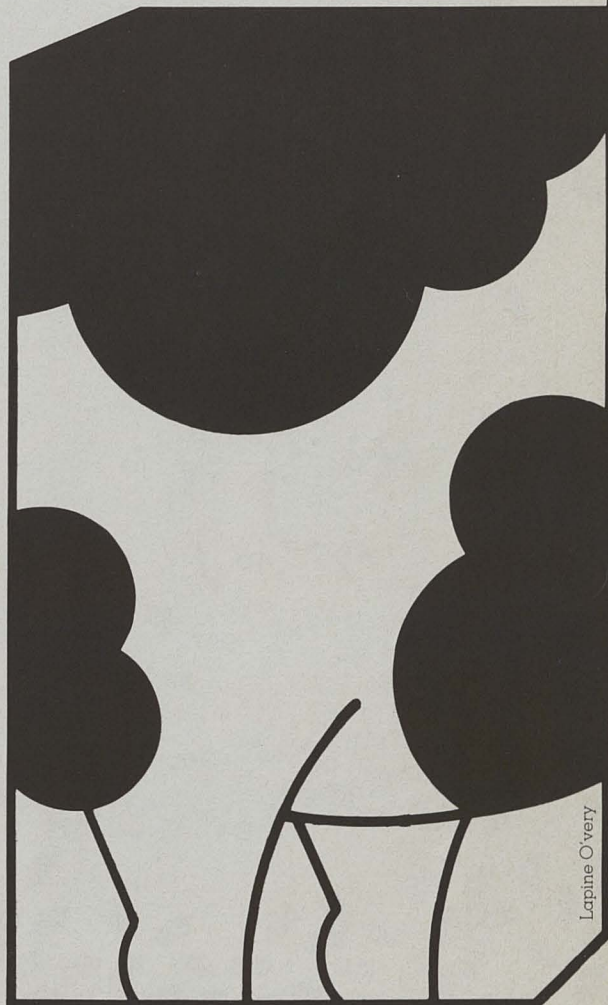
— Vou tratar das vacas depois do jantar — ofereci-me, cheio de esperança.

Minha mãe olhou bem nos meus olhos e disse: — Filho, você não acha que as vacas estão com tanta fome quanto você?

Bem, era uma boa pergunta. Eu realmente não havia pensado nisso. Uma vaca é uma vaca. Nunca me ocorreu que uma vaca pudesse ter fome, especialmente tanta fome quanto eu sentia naquele momento.

Minha mãe continuou: — Vá cuidar das vacas, e eu deixarei seu jantar no forno para mantê-lo quente. Mas você deve lembrar-se sempre de que as vacas têm tanta fome quanto você. Quando elas comerem, então você poderá comer.

Nunca mais me esqueci de dar de comer às vacas. E nunca esqueci a sabedoria de meus pais que me deram a ferramenta certa e o exemplo certo da importância de um trabalho. □

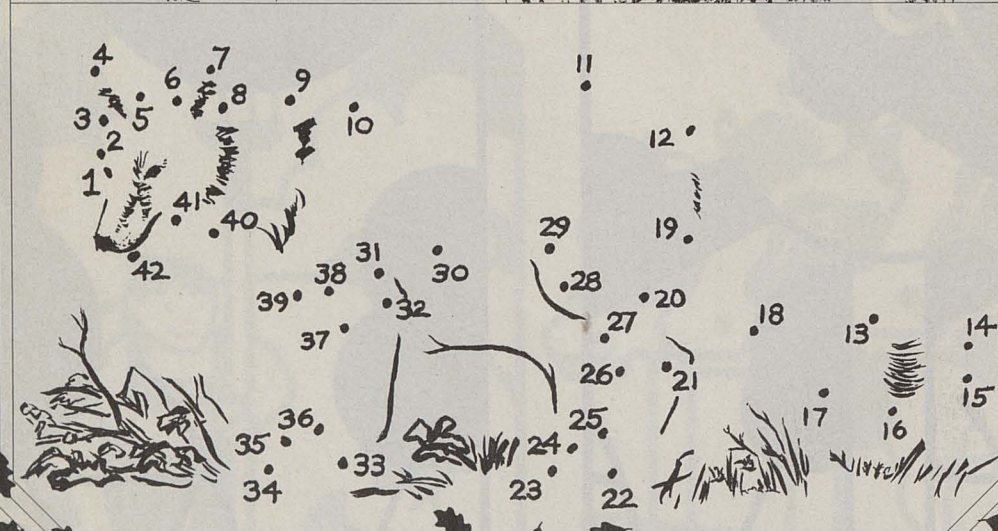
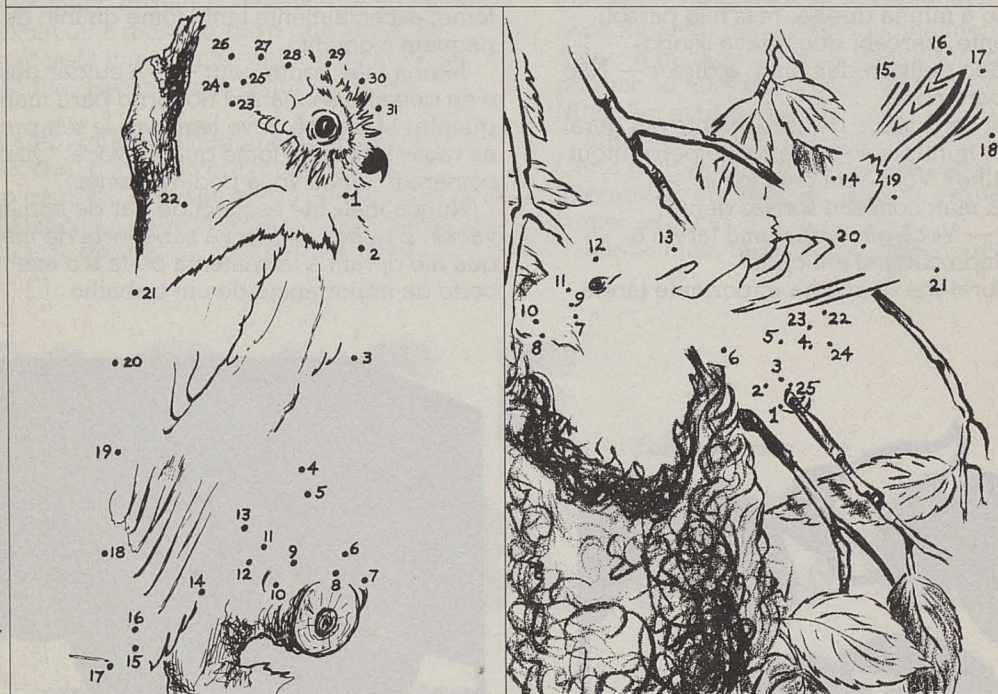


SÓ PARA DIVERTIR

# CRIATURAS DA FLORESTA

Ligue os pontos

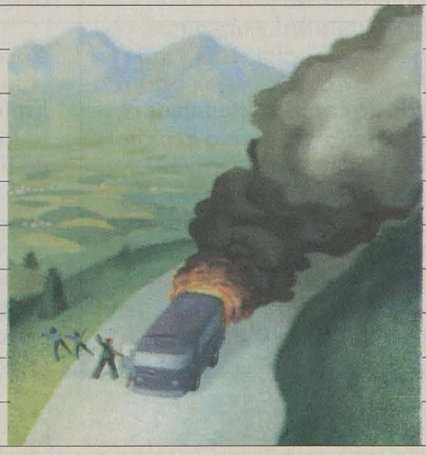
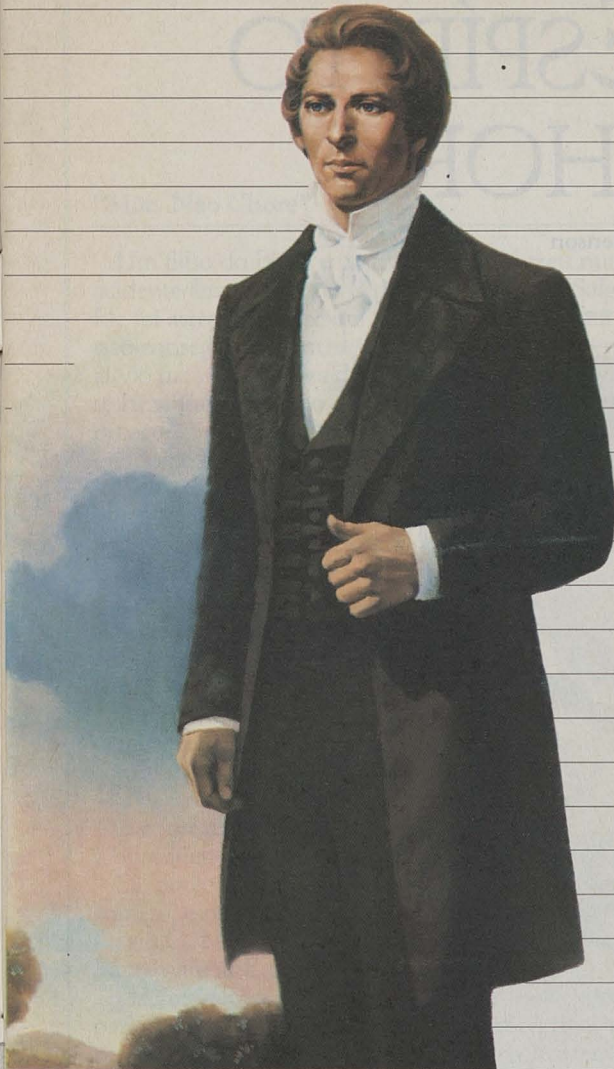
Carol Conner



MESSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDENCIA

# BUSCA DO ESPRITO DO SENHOR

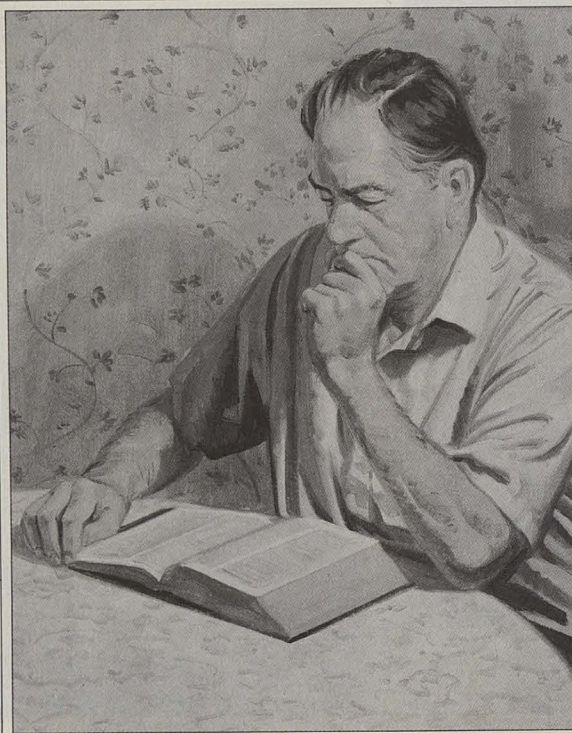
Resumo da obra de F. M. Barron



MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

# BUSCAI O ESPÍRITO DO SENHOR

Presidente Ezra Taft Benson



**U**ma forma segura de determinar se estamos no caminho reto e estreito é sentirmos o Espírito do Senhor em nossa vida.

Ter o Espírito Santo produzirá certos frutos.

O Apóstolo Paulo disse que “o fruto do Espírito é: caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão (e) temperança”. (Gálatas 5:22-23.)

A coisa mais importante em nossa vida é ter o

Espírito. Sempre senti isso. Temos de permanecer em todos os momentos receptivos e sensíveis aos sussurros do Espírito Santo.

O Presidente David O. McKay e o Presidente Harold B. Lee costumavam contar um incidente ocorrido na vida do Bispo John Wells, que é instrutivo para todos nós. O Bispo Wells era responsável por muitos relatórios da Igreja e, assim, dedicava grande parte de seu tempo a detalhes e estatísticas.

### “Mãe, Não Chore”

Um filho do Bispo e da Irmã Wells morreu num acidente ferroviário, no desfiladeiro do Lago Salgado. Ele foi atropelado por um trem de carga. A Irmã Wells não conseguia encontrar consolo; não sentiu nenhum alívio para sua tristeza durante o funeral e continuou a se lamentar depois do enterro do filho. O Bispo Wells preocupava-se com a saúde dela, pois se encontrava em estado de profunda angústia.

Certo dia, logo depois do funeral, a Irmã Wells estava deitada na cama chorando, quando o filho lhe apareceu e disse: “Mãe, não se lamente, não chore. Estou bem.”

Contou-lhe então como o acidente acontecera. Aparentemente houvera alguma dúvida a respeito, pois o rapaz era um ferroviário experiente. Mas ele contou à mãe que havia sido claramente um acidente.

Agora, notai isso: Ele também contou que, logo que percebeu estar além do mundo mortal, tentara comunicar-se com seu pai, mas não pudera. O pai estava tão ocupado com detalhes de seu trabalho, que não conseguia ouvir os sussurros do Espírito. Conseqüentemente, o filho viera à mãe.

Ele então disse: “Diga ao pai que tudo está bem comigo, e não quero mais que a senhora chore.” (Ver David O. McKay, *Gospel Ideals*, Salt Lake City: Improvement Era, 1953, pp. 525-526.)

Os Presidentes McKay e Lee usavam essa experiência para ensinar que devemos sempre ser receptivos aos sussurros do Espírito. Esses sussurros freqüentemente vêm quando não estamos atarefados com compromissos e quando nossos pensamentos não estão voltados para as preocupações da vida diária.

Reservai um tempo para meditar. A meditação sobre uma passagem das escrituras — Tiago 1:5 — levou um rapazinho a um bosque para conversar com seu Pai Celestial. Foi assim que se abriram os céus nesta dispensação.

A meditação sobre uma passagem das escrituras em João, no Novo Testamento, trouxe a grande revelação dos três graus de glória.

A meditação sobre outra passagem das escrituras, na epístola de Pedro, abriu os céus para o Profeta Joseph F. Smith, de modo que pudesse ver o mundo

espiritual. Essa revelação, conhecida como Visão da Redenção dos Mortos, agora faz parte de Doutrina e Convênios.

Pensai na grande responsabilidade que o Senhor vos deu, pais e avós. O Senhor aconselhou: “Que as solenidades da eternidade descansem em vossas mentes.” (D&C 43:34.) Não podeis fazer isso enquanto vossas mentes estiverem ocupadas com as preocupações do mundo.

### “Para Que Possas Conhecer os Mistérios”

Lede e estudai as escrituras. As escrituras devem ser estudadas no lar, com pai e mãe assumindo a liderança e dando o exemplo. As escrituras devem ser entendidas pelo poder do Espírito Santo, pois o Senhor fez esta promessa a seus seguidores fiéis e obedientes: “Para que possas conhecer os mistérios e as coisas pacíficas.” (D&C 42:61.)

A afirmação a seguir do Élder Spencer W. Kimball, ilustra como desenvolver uma espiritualidade maior em nossa vida:

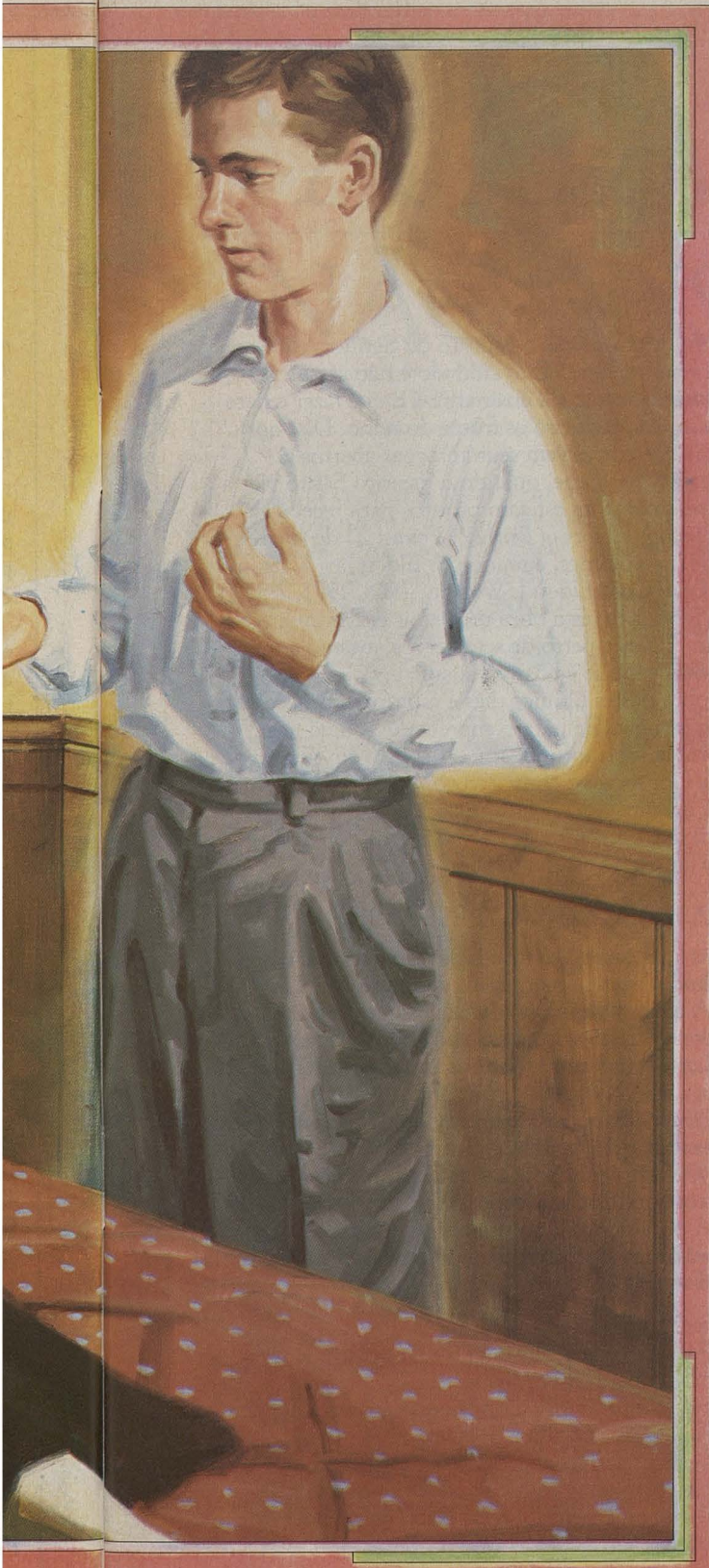
“Descobri que, quando meu relacionamento com a divindade se torna insípido, ou quando parece que o ouvido divino não está atento e que a voz divina não está respondendo, eu estou distante, muito distante. Então mergulho nas escrituras, e a distância diminui, voltando a espiritualidade. Sinto que amo mais intensamente aqueles a quem devo amar com todo o meu coração, mente e força e, amando mais, acho mais fácil obedecer aos seus conselhos.” (“What I Hope You Will Teach My Grandchildren and See Others of the Youth of Zion”, discurso dirigido ao Corpo Docente do Seminário e Instituto na Universidade Brigham Young, 11 de julho de 1966, p. 6; também em “Introdução às Escrituras” — Parte B, Curso 13 — Manual do Professor, lição 17, p. 98.)

Eis um grande conselho que, por experiência, sei ser verdadeiro:

Quanto mais familiarizados estiverdes com as escrituras, mais perto estareis da mente e vontade do Senhor, e mais unidos estareis como marido, mulher e filhos. Descobrireis que, lendo as escrituras, as verdades da eternidade estarão em vossa mente.

Ponderai os assuntos que não entendeis. Como o





Paul Mann

PAI ESTAVA TÃO OCUPADO COM OS DETALHES DE SEU TRABALHO, QUE NÃO CONSEGUIA OUVIR OS SUSSURROS DO ESPÍRITO. CONSEQÜENTEMENTE O FILHO VIERA À MÃE.

Senhor ordenou a Oliver Cowdery: “Deves ponderar em tua mente... deves perguntar se é correto e, se for, eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir, assim, que é certo.” (D&C 9:8; grifo nosso.)

Notastes a última frase? “Hás de sentir, assim, que é certo.”

Ouvimos as palavras do Senhor com maior freqüência através de um sentimento. Se formos humildes e sensíveis, o Senhor inspirar-nos-á através de nossos sentimentos. É por isso que os influxos espirituais nos levam, às vezes, a uma grande alegria, outras vezes, às lágrimas. Muitas vezes minhas emoções ficaram mais ternas, e meus sentimentos muito sensíveis quando tocados pelo Espírito.

#### Irradiar a Influência do Espírito

O Espírito Santo faz com que nossos sentimentos sejam mais ternos. Sentimo-nos mais caridosos e compassivos uns com os outros. Somos mais calmos em nossos relacionamentos. Temos maior capacidade de amar uns aos outros. As pessoas querem ficar perto de nós, porque nosso semblante irradia a influência do Espírito. Temos um caráter mais divino. Conseqüentemente, somos mais sensíveis ao influxo do Espírito Santo e, assim, capazes de compreender as coisas espirituais.

Levai a sério as palavras do Salvador: “Entesourai em vossas mentes continuamente as palavras de vida.” (D&C 84:85; grifo nosso.)

A mãe de minha esposa, Barbara Smith Amussen, foi oficiante no Templo de Logan durante vinte anos e viúva durante quarenta anos. Era uma mulher sem dolo. Eu a amava tanto, que passava muito tempo com ela, por ser viúva e não haver nenhum portador do sacerdócio em seu lar.

Essa mulher eleita sabia exatamente o momento em que teria de deixar a vida mortal. O marido, um converso dinamarquês e primeiro joalheiro e relojoeiro de Utah, Carl Christian Amussen, apareceu-lhe num sonho ou visão. Ela admitiu: “Não tenho certeza do que foi, mas era tão real, que parecia estar ele bem ali no meu quarto. Disse que viera para dizer-me que meu tempo na vida mortal estava terminando e que, na próxima quinta-feira, (estávamos numa sexta-feira),

esperava-se que eu deixasse a vida mortal.”

Sua filha mais velha, Mabel, disse: — Ah, mamãe, a senhora anda preocupada com alguma coisa. A senhora não se tem sentido bem.

A mãe respondeu: — Tudo está bem, sinto-me ótima. Não há nada com que se preocupar. Apenas sei que vou partir na próxima quinta-feira.

Então ela disse: — Mabel, quando chegar o momento, gostaria de morrer na sua casa, no quarto de cima onde eu costumava sentar-me e contar aos meninos histórias do Livro de Mórmon e da Igreja quando eles eram pequenos.

Quando se aproximou o momento, ela assistiu à reunião de jejum em sua ala. Prestou testemunho, e o bispo contou depois que ela falou como se estivesse partindo para uma longa viagem.

“Ela estava despedindo-se de todos nós”, disse o bispo, “expressando seu amor a nós e a alegria que sentira trabalhando no templo” (que ficava a apenas alguns metros da capela). E depois prestou um fervoroso testemunho.

À medida que os dias passavam, ela foi ao banco, tirou suas pequenas economias, pagou todas as contas e foi à funerária escolher seu caixão. Depois, mandou desligar a água e a energia elétrica de sua casa e foi para a casa de Mabel. No dia anterior à sua morte, seu filho veio visitá-la. Eles sentaram-se na cama e ficaram de mãos dadas, enquanto conversavam.

No dia da morte de minha sogra, Mabel entrou no quarto onde a mãe estava descansando na cama e esta lhe disse: “Mabel, tenho um pouco de sono. Não se incomode se eu dormir até à noite.”

Foram suas últimas palavras; ela passou calmamente desta vida para a outra.

A espiritualidade — estar em sintonia com o Espírito do Senhor — é a maior necessidade que todos temos. Devemo-nos esforçar por ter a companhia constante do Espírito Santo todos os dias de nossa vida. Quando temos o Espírito, gostamos de servir, amamos ao Senhor e amamos aqueles com quem servimos e aqueles a quem servimos.

Vários anos depois de ter sido martirizado, Joseph Smith apareceu ao Presidente Brigham Young. Escutai a sua mensagem:

“Dize às pessoas que sejam humildes e fiéis, e não

deixem de conservar o Espírito do Senhor, e ele as guiará para o bem. Tem cuidado e não afastes a voz mansa e delicada; ela ensinar-te-á o que fazer e para onde ir; ela produzirá os frutos do reino. Dize aos irmãos que conservem seus corações abertos à persuasão, para que, quando o Espírito Santo vier a eles, seus corações estejam prontos para recebê-lo.” (*Manuscript History of Brigham Young*, 23 de fevereiro de 1847, 2 volumes, editado por Elden Jay Watson, Salt Lake City: Elden J. Watson, 1968, 1971, 2:529.)

O Senhor fez esta obra prosperar e continuará a fazê-lo. Ele está perto de seus servos, mesmo a uma distância em que é possível sussurrar.

A obra destes últimos dias é espiritual. É necessário ter espiritualidade para compreendê-la, amá-la e discerni-la. Portanto, buscai o Espírito em tudo o que fazeis. Conservai-o convosco continuamente. Este é o vosso desafio.

Oro que o Espírito do Senhor esteja convosco em vosso lar e em vossa família. □

#### IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

*Alguns Pontos que Merecem Ênfase.* Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. A coisa mais importante em nossa vida é ter o Espírito do Senhor conosco.

2. Ler e estudar as escrituras traz o Espírito à nossa vida.

3. Passar tempo meditando nos ajuda a ser receptivos aos sussurros do Espírito.

4. “Ouvimos” as palavras do Senhor mais freqüentemente sob a forma de sentimento.

5. A obra destes últimos dias é espiritual. É necessário ter espiritualidade para compreendê-la, amá-la e discerni-la.

#### *Sugestões para o Debate*

1. Fale sobre seus sentimentos a respeito de ter o Espírito do Senhor em sua vida.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há uma mensagem do bispo ou do líder do quorum?

# “A CARIDADE NÃO SUSPEITA MAL”

*Objetivo: Deixar que a virtude adorne nossos pensamentos incessantemente.*

As escrituras nos dizem: “Como imaginou na sua alma, assim é” (Provérbios 23:7), e “Que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus”. (D&C 121:45.) Tanto o Apóstolo Paulo como o Profeta Mórmon ensinaram que a caridade, o puro amor de Cristo, “não suspeita mal”. (Ver I Coríntios 13:4-5; Morôni 7:45.) Claramente, *somos* o que pensamos. E se tivermos pensamentos retos, é muito provável que vivamos retamente.

Como distinguimos os bons pensamentos dos maus? As escrituras dão uma orientação: “Aquilo que é de Deus convida e incita continuamente ao bem; portanto, tudo o que incita e instiga a fazer o bem, e a amar e servir a Deus, é inspirado por Deus.” (Morôni 7:13.)

Somos os senhores de nossos pensamentos. Assim como cultivamos um jardim, deveríamos também cultivar nossa mente, eliminando pensamentos impuros, negativos ou pecaminosos, cultivando ao mesmo tempo os pensamentos retos.

Uma forma de cultivarmos pensamentos retos é ter em mente nosso propósito na mortalidade. Por exemplo, uma mulher descobriu que sentia-se desanimada, especialmente quando comparava sua vida com a de outras pessoas que tinham mais riquezas e bens materiais do que ela.

Mas ela decidiu controlar seus pensamentos, e fez um esforço para concentrar-se no tipo de pessoa que desejava tornar-se ao invés de preocupar-se com coisas que não tinha. Em espírito de oração, estudou as escrituras, concentrando-se na vida do Salvador e em tornar sua vida mais semelhante à dele.

Assim fazendo, ela tornou-se mais sensível às necessidades das pessoas à sua volta. Descobriu que seu testemunho e sua família tornaram-se mais preciosas para ela. Começou a admirar o caráter

crístico em outras pessoas mais do que havia admirado a riqueza mundana. Sua nova perspectiva de vida ajudou-a a sentir-se muito mais feliz.

Para desenvolver a pureza mental, precisamos fazer mais do que rejeitar ou evitar pensamentos maus, negativos ou impuros. Precisamos também aprender a ter pensamentos virtuosos. As escrituras nos orientam na escolha daquilo em que devemos pensar:

“Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, ... nisso pensai.” (Filipenses 4:8.)

Podemos aprender a “pensar” nessas coisas buscando um bom ambiente, lendo as escrituras e outros bons livros, orando, cantando hinos, jejuando, guardando o Dia do Senhor, escolhendo entretenimentos que nos elevem espiritualmente, desenvolvendo talentos, participando do serviço na igreja e comunidade, e nos esforçando para guardar os mandamentos.

À medida que aprendemos a ter pensamentos virtuosos, nossa vida torna-se mais virtuosa. Nós *queremos* viver retamente, em pensamento e em ações. Seremos mais semelhantes a Cristo. □

## SUGESTÕES PARA PROFESSORAS VISITANTES:

1. Leia Mateus 6:19-21 e debata os “tesouros” celestes nos quais podemos colocar o coração.
2. Leia D&C 121:45-46 e debata as bênçãos que advêm dos pensamentos virtuosos. Como os pensamentos e desejos virtuosos podem aumentar o clima espiritual em nosso lar?

*Veja matéria correlata no Livro de Recursos para a Noite Familiar, pp. 15, e 257-259.*



# CARREGAI A VOSSA CRUZ

Élder Marvin J. Ashton  
do Quorum dos Doze Apóstolos

**J**esus disse: “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me.

Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.” (Mateus 16:24:25.)

Mas que espécie de cruz cada um de nós carrega? Qual é seu formato, peso, tamanho ou dimensão? As cruzes que carregamos são muitas: a cruz da solidão, a cruz das limitações físicas — perda de uma perna, de um braço, da audição, da visão, da mobilidade. Essas são cruzes óbvias. Vemos pessoas com tais cruzes e admiramos sua força em carregá-las com dignidade. A saúde deficiente pode ser uma cruz, como podem ser a transgressão, o reconhecimento, a tentação, a beleza, a fama ou a riqueza. Os problemas financeiros podem ser uma cruz. Assim também a crítica ou rejeição das pessoas com quem convivemos.

Mas há na vida muitas cruzes que, embora bastante reais, não são tão facilmente vistas ou reconhecidas. Um tipo de cruz é a da confiança violada por um pai, um familiar, professor, bispo ou membro da presidência da estaca, namorado, namorada, companheiro de trabalho ou colega de classe.

Outra cruz que não é facilmente visível, mas que às vezes pode ser muito pesada e causar preocupações, é a falta de auto-respeito — certa relutância em aceitar-se a si mesmo. Podeis de todo o coração, de vez em quando, cumprimentar-vos pelo vosso comportamento? Ou tendes um baixo conceito a vosso respeito, não importa o que façais? Ter sentimentos como esses pode ser uma cruz pesada de se carregar e capaz de retardar vosso progresso eterno.

Desejar ser outra pessoa com maiores talentos e

mais pontos positivos é uma deficiência. É também uma cruz, quando deixamos de perceber que, com a ajuda de Deus, podemos realizar muito. Podemos aprender a ser como Amon que, numa das minhas citações preferidas do Livro de Mórmon, diz:

“Não me vanglorio de minha própria força nem de minha própria sabedoria, mas eis que meu gozo é completo; sim, meu coração transborda de alegria e me regozijo em meu Deus.

Sim, e sei que nada sou; quanto à minha força, sou débil; portanto, não me vangloriarei de mim mesmo, mas me gloriarei em meu Deus, pois que com sua força tudo posso fazer.” (Alma 26:11-12.)

Gostaria de que acreditássemos e puséssemos em prática o que Amon disse. Muitas pessoas chamadas para cargos de responsabilidade, dizem humildemente: “Pai Celestial, sou fraco, mas com tua ajuda, posso fazê-lo.” Deus pode tornar nossas cruzes mais fáceis de carregar, se tivermos o desejo de buscar sua ajuda. Em Doutrina e Convênios 56:2, lemos as palavras do Senhor: “E aquele que não tomar a sua cruz para me seguir e não guardar os meus mandamentos, não será salvo.”

As escrituras dizem: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.) É verdade. Podemos aprender a nos arrepender e perdoar a nós mesmos. Infelizmente, alguns de nós preferimos carregar uma cruz mais tempo que o necessário a confessar e começar de novo.

Outra cruz é a da resistência a conselhos. Alguns de nós temos uma tendência a ressentir, resistir, rebelar-nos, adiar ou discutir a orientação, supervisão ou comunicação valiosas. Podemos pensar: “Quem é

# F U R

você para me dizer isso?” “Por que todas essas restrições?” “Onde entra o livre-arbítrio?” ou “Por que você simplesmente não me deixa em paz?”

Podemos rejeitar conselhos, porque nos são inconvenientes ou porque não conseguimos ver seu valor. Peço-vos que acateis em espírito de oração o conselho que vos é dado.

Algumas vezes nos são dadas cruzes para que aprendamos a orar. As cruzes são mais fáceis de carregar, quando aprendemos a orar e a esperar uma resposta. É a falta de vontade de ouvir e aprender pode ser uma cruz silenciosa de peso considerável. Orai constantemente — mesmo quando as respostas demorarem ou forem difíceis de aceitar.

O elogio do mundo pode ser uma cruz pesada. Não me estou referindo a dinheiro ou posição; estou-me referindo ao reconhecimento. É claro que devemos honrar chamados e responsabilidades. Mas quão grandes são à vista do Senhor aqueles que, embora sejam reconhecidos, honrados e respeitados, percebem em seu coração que a verdadeira grandeza reside em seguir o Salvador e ajudar aqueles que estão doentes, aflitos, desanimados, sem lar e sobrecarregados com suas cruzes.

É nosso direito e responsabilidade carregar nossas cruzes, e, ao fazê-lo, ter o bom-senso e discernimento para contar nossas bênçãos, como nos diz o hino:

*Tens acaso mágoas, triste é teu lidar?*

*É a cruz pesada que tens de levar?*

*Conta as muitas bênçãos, não duvidarás,*

*E num canto alegre os dias passarás.*

(Hinos, nº 151.)

Presto-vos testemunho de que as cruzes que às vezes parecem excessivas ou injustas, podem ser para o nosso bem. Carregar cruzes e seguir o Salvador trará força, paz e propósito à nossa vida. □

*Adaptado de um discurso proferido na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.*

**O** Eileen F. M. Bell

trabalho estava chegando ao fim naquele dia, na empresa Laidlaw Waste Management Systems em Edmonton, Alberta, Canadá, e Don Hughes, sumo conselheiro da Estaca Edmonton Alberta Millwoods, continuava sentado à sua escrivaninha, pensando em ir para casa um pouco mais cedo que o habitual.

Eram aproximadamente 15h30min de 31 de julho de 1987, na semana mais quente de que muitos residentes de Edmonton se lembram há muito, muito tempo. Houvera uma umidade incomum. Na noite anterior, uma estranha massa de nuvens passara pela cidade, parecendo quase o efeito especial de algum filme.

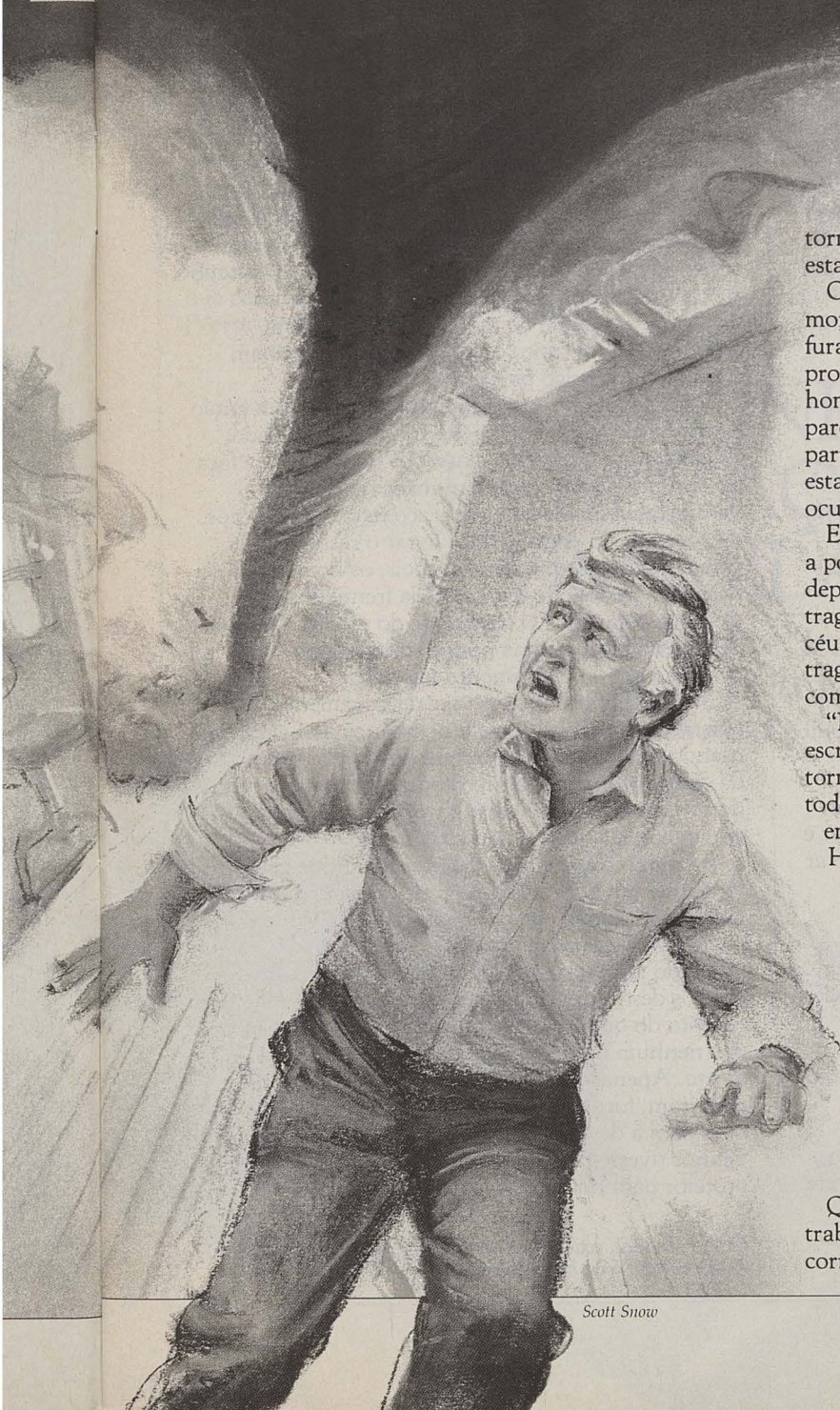
A esposa do Irmão Hughes visitara-o um pouco antes naquele dia, e sugerira que voltasse para casa com ela.

“Sentia profundo desejo de ir para casa, mas tinha um sentimento mais forte que dizia: ‘Fique. Você tem algumas coisas a fazer aqui’”, lembra ele. “Eu não sabia o que deixara por terminar, mas ouvi o sussurro e fiquei.”

Pouco depois, houve falta de energia elétrica naquela parte da cidade. Uma das sete pessoas que estavam no escritório, olhando pela janela, apontou para a aspiral de um furacão que vinha do sul. “Logo que a vi”, disse o Irmão Hughes, “foi como se o Espírito me dissesse: — Ele vai passar neste local. Você tem de preparar estas pessoas.”

Depois de pedir a alguns colegas que ficassem observando o vendaval que se aproximava, foi para a parte de trás do prédio. Os doze ou mais funcionários que lá se encontravam também estavam observando a evolução da

# R A C A O



tormenta, que crescia a cada segundo. O furacão estava claramente vindo na direção deles.

O Irmão Hughes lembrou que um amigo que morava nos Estados Unidos lhe dissera que, se um furacão alguma vez atravessasse seu caminho, procurasse um lugar forte, protegido. “Disse aos homens que fossem para o almoxarifado. Suas paredes eram de blocos de concreto, além de ficar na parte central do prédio. Mas percebi que ninguém estava realmente me escutando; estavam muito ocupados observando o furacão que se aproximava.”

Ele correu para o escritório da frente e viu o furacão a ponto de tocar o chão. Ele atingiu o solo num depósito de madeira próximo, que foi rapidamente tragado pela nuvem. A essa altura, o furacão enchia o céu inteiro. Soando como um enorme trem de carga, tragava pilhas de madeira em sua escuridão, junto com veículos, telhados e maquinaria.

“Mandei imediatamente todo o pessoal do escritório para o refeitório e que ficassem lá, até que a tormenta terminasse. Fiquei observando até que todos foram, depois fui verificar a situação dos outros empregados nos fundos do prédio”, diz o Irmão Hughes. “O prédio ao sul do nosso estava ruindo. Um de nossos homens estava tirando uma fotografia, mas os outros pareciam nervosos.

Imaginavam onde poderiam abrigar-se em segurança.”

Novamente, o Irmão Hughes mandou que fossem para o almoxarifado, mas eles ainda hesitavam. “Então gritei com eles mais alto e forte do que pensei que pudesse. Senti que era o Espírito agindo, dizendo-lhes: — Mexam-se, agora! Isto pareceu clarear a mente deles.” Todos foram rapidamente para o almoxarifado.

Quando teve certeza de que seus companheiros de trabalho estavam seguros, o Irmão Hughes começou a correr para a parte da frente do prédio. O furacão já

Scott Snow

havia destruído a companhia de transportes do outro lado da rodovia e estava ganhando do Irmão Hughes, enquanto ele corria.

As janelas do prédio começaram a arrebentar. “O barulho era como de armas sendo detonadas: BOOM, BOOM, BOOM, BOOM — à medida que se estilhaçavam e explodiam.”

Correndo para abrigar-se numa pequena sala de estoque, ele bateu a porta com força e encostou-se na parede, esperando que todos os outros que estavam no prédio estivessem protegidos.

“Eu sentia, mais do que ouvia, o vendaval piorando lá fora. Rugia como um trem ou o motor de jato, um som retumbante misturado a um gemido agudo.

“Orei muito e rapidamente. Orei pelas pessoas que estavam lá comigo. Orei por minha família e pelas famílias dos colegas, para que fossem cuidados e protegidos. Orava e esperava que fosse da vontade do Senhor que eu sobrevivesse, mas disse que estava pronto para apresentar-me diante dele, se fosse essa a sua vontade.”

Enquanto o Irmão Hughes orava, o prédio — chapas de aço presas a uma estrutura de aço — foi esfaçalhado. Lá fora, tratores semitrailers, câmaras de armazenagem de aço, pesados compressores de ar e recipientes de lixo industrial eram arremessados no ar como brinquedos. Uma parede da sala de estoque caiu, jogando o Irmão Hughes ao chão, mas abrigando-o de outros detritos. Quando abriu os olhos e olhou para onde estivera o teto, viu a nuvem negra rugindo sobre sua cabeça. Ele teve muito medo de que ela pudesse voltar a tocar a terra, mas o furacão afastou-se do prédio.

O Irmão Hughes arrastou-se para fora de seu abrigo e forçou a porta destruída para abri-la e escapar da sala de estoque. “Esperava ver *parte* do prédio danificado, mas não restava *nada* intacto. Era como se alguém tivesse achatado as coisas com uma marreta gigante.”

O marido de uma das mulheres que trabalhava no escritório da frente chegara exatamente antes do

impacto do furacão, e encontrara abrigo perto de lá. Ele e o Irmão Hughes correram para onde as paredes do refeitório haviam ruído umas sobre as outras, formando um monte de entulho. Subindo até o topo do monte, os dois homens ficaram aliviados ao encontrar o pessoal do escritório reunido, em segurança, num canto onde duas paredes haviam formado um abrigo precário.

O Irmão Hughes e seu companheiro abriram então caminho até o local onde estivera o almoxarifado. Encontraram quatro ou cinco dos homens lá, já fora do entulho. O grupo usou as mãos nuas, desprotegidas, para arrancar o aço retorcido e blocos de concreto do entulho para livrar o resto de seus companheiros de trabalho. Depois, os homens tiraram o pessoal do escritório da frente dos destroços, na outra extremidade do prédio. Durante a destruição, apenas uma pessoa sofrera dano permanente — um ferimento nas costas.

Quando chegou uma equipe de salvamento de emergência, encontrou os funcionários da Laidlaw usando um dos grandes recipientes de lixo industrial da companhia como abrigo contra a chuva de pedras de aproximadamente vinte e três centímetros de circunferência que caiu após o furacão.

O furacão causou mais destruição do que jamais se vira antes em Edmonton, deixando um prejuízo de mais de um quarto de bilhão de dólares. Vinte e sete pessoas morreram na cidade.

Parado numa colina, observando o montante dos prédios destruídos da Laidlaw, Don Hughes refletiu a respeito do que poderia ter acontecido. “É um milagre que nenhum de nossos funcionários tenha sido morto. Apenas os lugares em que nos abrigamos resistiram, fornecendo alguma proteção. Quando olho para a devastação total, é quase como se o Senhor tivesse posto sua mão e construído um abrigo protetor para nós.” □

Eileen F. M. Bell, jornalista, é presidente do comitê de atividades da Ala Edmonton Nove, Estaca Edmonton Alberta Millwoods, Canadá.

**U**m dia, quando o Salvador estava em seu caminho para atender o pedido de um homem chamado Jairo, cuja filha única estava à morte, uma mulher doente aproximou-se dele e tocou a orla de seu vestido. O Salvador parou e confortou-a. Ela estava curada. Jesus então continuou seu caminho para a casa de Jairo e alguém o informou que a filha de Jairo já falecera, mas Jesus prosseguiu sua caminhada e restaurou-lhe a vida. (Vide Lucas 8:41-56.)

O Salvador parou em seu caminho para dar atenção a uma outra pessoa necessitada. Ele fez isso muitas vezes. Em 3 Néfi 17, lemos sobre a visita de Cristo aos nefitas. Depois de ensiná-los, disse ele: "Mas agora vou para o Pai, e vou também manifestar-me às tribos perdidas de Israel." (Versículo 4.) Então, contemplando as pessoas, viu que estavam chorando e, olhando "atentamente, como se quisessem pedir-lhe que permanecesse um pouco mais entre eles" (Versículo 5).

### Coisas Maravilhosas Aconteceram

Jesus ficou. Pediu aos nefitas que lhe trouxessem seus doentes para que fossem curados. Ele orou de maneira tão maravilhosa, que suas palavras não puderam ser escritas. Chorou com eles; abençoou suas criancinhas uma a uma e orou por elas. Instituiu o sacramento entre eles. Coisas maravilhosas aconteceram, porque o Salvador ficou com o povo.

O Senhor ensinou a parábola do bom samaritano. O samaritano, talvez a caminho de uma reunião ou compromisso importante, parou quando viu alguém necessitando de sua ajuda. (Vide Lucas 10:30-37.)

Quantas vezes parastes na escola, ou na igreja, no mercado para ouvir um amigo necessitado, conversar com um vizinho, responder ao influxo do Espírito?

Como santos dos últimos dias e cristãos, precisamos estar mais dispostos a parar e ajudar. Precisamos de mais pessoas que aproveitem a oportunidade de fazer o bem e de serem boas.

## A CAMINHO DA REALIZAÇÃO DE UM MILAGRE

Amando e Servindo  
como Cristo Faria

Mary Ellen Edmunds



**O** Salvador abençoou as criancinhas, e é possível nos achegarmos mais a ele seguindo seu exemplo e fazendo o mesmo que ele.

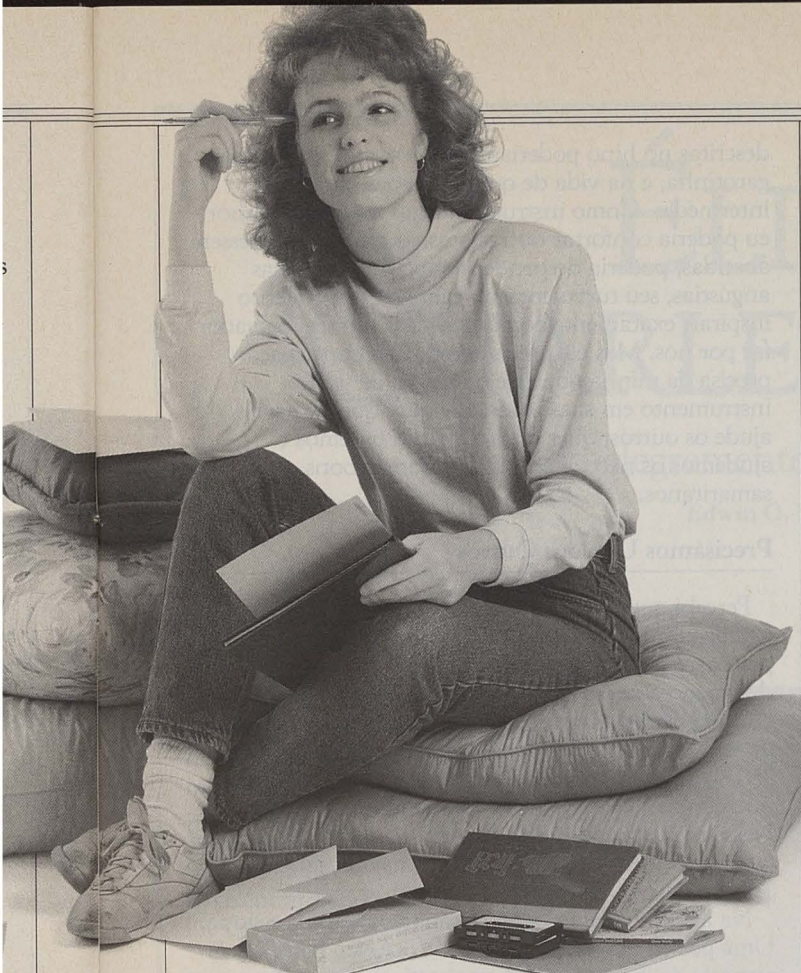
Um dia, uma amiga e eu notamos uma jovem mãe junto de seu caminhão parado, parecendo muito frustrada e infeliz. Tinha várias crianças consigo. Fomos inspiradas a parar e oferecer-lhe ajuda. Ela explicou que o caminhão ficara sem gasolina. Dissemos que buscaríamos um pouco de gasolina para ela, para que pudesse ficar com as crianças. Embora mostrando-se grata pela ajuda, parecia relutante em ser a pessoa em apuros. Quando voltamos com um recipiente de gasolina, a mulher estava grata, mas ainda pouco à vontade em aceitar nossa ajuda.

Então tive uma idéia. Disse-lhe: — Você nos ofereceria a mesma ajuda se precisássemos, não é? Ela pensou um momento ou dois, depois sorriu. — Você está certa, — respondeu. — Eu ajudaria!

Não me lembro mais para onde eu e minha amiga estávamos indo naquele dia, mas recordo a doce experiência de ajudar. Estou convencida de que praticamente todos nós gostaríamos de parar e ajudar, mas não temos certeza do que fazer, ou estamos ocupados demais, ou até mesmo amedrontados. Muitas vezes não estamos preparados para ajudar. E não há manual de instruções a que se possa recorrer nos momentos críticos em que alguém precisa de nós.

Mas vós podeis estar espiritualmente preparados, estudando o “manual” do Senhor, e tornando-vos





**N**ão há manual de instruções a que se possa recorrer nos momentos críticos em que alguém precisa de nós. Mas vós podeis estar espiritualmente preparados estudando o “manual” do Senhor.

**O** Senhor ensinou a parábola

do bom samaritano que parou quando viu alguém necessitando de sua ajuda. Quantas vezes paraste para ajudar um amigo necessitado?



receptivos à inspiração do Espírito. Não há melhor instrutor do que as escrituras, e o Espírito nos ensina a responder às necessidades do próximo de maneira cristã.

### Passos para a Compaixão

Há muitas coisas que podemos fazer que nos ajudam a aumentar nosso amor, compaixão e receptividade ao Espírito e às outras pessoas. Algumas das sugestões a seguir poderão ser úteis:

- Visitar alguém que não nos pode vir ver. O Salvador visitou os necessitados.
- Acostumar-vos a serdes um melhor ouvinte.
- Ultrapassar o círculo regular de amigos e conhecidos e conversar com pelo menos uma pessoa que não conheceis, todas as semanas.
- Esforçar-se para irradiar simpatia. Procurar olhar para os outros de modo que percebam que são amados, mesmo que não tenham idéia de quem sois.
- Alegregar-se com o sucesso e as realizações das outras pessoas.
- Aproveitar alegremente e de boa vontade as oportunidades de prestar serviço, mesmo quando for inconveniente ou talvez até exija sacrifício.
- Procurar alguém que esteja procurando fazer caridade e pensar em alguma coisa que essa pessoa vos poderia fazer ou ensinar.
- Aprender a ser grato.
- Pensar em alguém (especificamente) a quem possais escrever um bilhete ou telefonar — e fazê-lo!
- Ser específico nas orações; orar em favor das pessoas que vos vierem à mente, quando estiverdes em comunicação com o Pai Celestial. Perguntar-lhe se há alguma coisa que ele gostaria de que fizésseis.

### Uma Experiência Inesquecível

Morei na Nigéria, na África Ocidental, durante alguns meses. Em nosso ramo havia uma criança preciosa. Tinha sete anos de idade e pesava apenas dez quilos e meio. Muitas vezes, quando entrávamos na nossa capela alugada, eu a via sentada no último banco. Eu gostava de pegá-la no colo e levá-la para a frente comigo e segurá-la durante as reuniões. Era como se ela sugasse todo o amor que eu tinha em mim, e mais.

Certa vez, na época do Natal, eu estava segurando minha pequena amiga, quando foi anunciado que cantaríamos “Eu Sei que Vive Meu Senhor” (*Hinos*, n.º 74). Veio-me a inspiração de cantá-lo não para mim mesma, como diz a letra, mas para a garotinha. Foi uma experiência marcante, doce, inesquecível para mim, e espero que para ela também. Quando cantei minha versão da letra — que vive para *te* amparar e *tua* alma acalentar — percebi que as grandes bênçãos

descritas no hino poderiam acontecer na vida dessa garotinha, e na vida de outras pessoas, por meu intermédio. Como instrumento nas mãos do Senhor, eu poderia confortar outras pessoas quando estivessem abatidas, poderia despendar tempo ouvindo suas angústias, seu turvo coração calmar e novo alento inspirar, exatamente como nos diz o hino, o Salvador faz por nós. Mas ele precisa da minha participação, precisa da minha vontade de servir, de ser um instrumento em suas mãos. Ele quer que eu pare e ajude os outros; quer que todos nós paremos e ajudemos os necessitados: que sejamos bons samaritanos.

### Precisamos Uns dos Outros

Percebi que muitas de minhas próprias orações e pedidos foram atendidos por intermédio de outras pessoas. Precisamos uns dos outros. Tanto aqueles que dão como aqueles que recebem são abençoados e chegam mais perto de seu potencial divino. Como disse o Presidente Marion G. Romney a esse respeito: “Existe uma interdependência entre os que têm e os que não têm. Dar exalta o pobre e humilha o rico. Nesse processo, ambos são santificados.” (“O Caráter Celestial da Auto-suficiência”, *A Liahona*, janeiro de 1983, p. 162.)

Na África usam uma saudação que me impressiona. Uma pessoa pergunta à outra: “Você está bem?” A resposta é: “Estou bem, se você estiver bem.” Essa saudação parece implicar compreensão do que o Apóstolo Paulo ensina em I Coríntios 12. Ele diz que somos um corpo com muitos membros, e que temos grande e contínua necessidade uns dos outros — com todas as nossas diversidades, nossas forças, nossas necessidades, nosso amor e experiência. Temos até grande necessidade daqueles “que parecem ser os mais fracos”. (Versículo 22.)

“Se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele.” (Versículo 26.) O Salvador nos ensinou a estimar o próximo como a nós mesmos (vide D&C 38:24-27), e a amar as outras pessoas como ele as ama.

Mas, por onde começamos? Tendo disposição. Disposição para parar em nosso caminho para um milagre, para um teatro, para uma reunião. Disposição para carregar os fardos uns dos outros, para que se tornem leves. Disposição para chorar com os que choram e confortar os que necessitam de conforto. (Vide Mosiah 18:8-9.) Estando dispostos a tomar sobre nós o nome de Cristo, para que sejamos conhecidos por ele e considerados dignos de seu santo nome. E “banqueteai-vos com as palavras de Cristo; sim, pois eis que as palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que deveis fazer”. (2 Néfi 32:3.) □

# ÉLDER CHARLES DIDIER

Fazendo alegremente coisas boas na vida

Edwin O. Haroldsen



O viajante recusou a maior parte das bandejas com o jantar durante o longo e cansativo vôo de treze horas de Miami, Flórida, a Buenos Aires, Argentina, em outubro de 1983. Mais interessado em alimentar a mente que o estômago, ele estava lendo o livro *In Search of Excellence* (Em Busca da Excelência) que seu filho lhe dera no aniversário.

O Élder Charles Didier, do Primeiro Quorum dos Setenta, estava voando para a América do Sul como Administrador Executivo

da Igreja para a Argentina, Uruguai e Paraguai. Antes de seu avião chegar a Buenos Aires, ele havia lido boa parte do livro; depois, reservara algum tempo para descansar e pensar no trabalho que o esperava.

Era típico desse homem. Em cada projeto que tem realizado para a Igreja desde seu batismo, aos vinte e dois anos, na mesma Bélgica onde nascera, Charles Didier vem demonstrando plena dedicação e entusiasmo — um homem fazendo alegremente coisas boas na vida.

Nascido em Ixelles, Bélgica, a 5 de outubro de 1935, Charles Didier lembra que seu pai, André, um oficial do exército belga, foi capturado no início da Segunda

*Um homem à vontade tanto na América do Norte e do Sul, como em sua Europa natal, Élder Charles Didier aparece neste retrato em família, juntamente com sua esposa Lucie ao centro. À esquerda seu filho mais velho Patrick, com a esposa Karen e o filho Richard. À direita, Marc Didier e sua esposa Jodi.*



Guerra Mundial. Depois de escapar, permaneceu escondido e só via a família em ocasionais visitas de surpresa. O Élder Didier remonta à época após seu nono aniversário:

“Como a polícia secreta estava em busca dele (seu pai), nós éramos procurados — e mal escapamos. Nós fomos até onde ele estava escondido, na Província de Antuérpia, e de lá fomos morar com minha bisavó em Flandres.” Nesse período a Bélgica foi libertada. “Lembro-me muito bem dos soldados fugindo em bicicletas, os aviões atacando, o tiroteio e as tropas aliadas entrando na aldeia.”

Como aqueles que o rodeavam, o jovem Charles foi educado na doutrina católica quando menino. Ia à missa regularmente, o único na família que fazia isso.

Em 1950, a família vivia em Namur, Bélgica — Charles estava terminando a escola secundária — quando dois missionários SUD dos Estados Unidos bateram à porta. Sua mãe, Gabrielle, deixou que entrassem e os ouviu. Durante as férias de Páscoa do ano seguinte, ela foi batizada numa pequena pia batismal em Bruxelas, mas Charles perdeu o batismo. Ele estava em Roma, para ver o Papa numa viagem

organizada pela igreja católica.

Embora Charles resistisse aos convites para comparecer ao ramo local, freqüentava as aulas de inglês dadas pelos missionários, saindo antes que começassem as atividades da noite para os jovens, por que “não queria ser apanhado numa armadilha”. Mas pediram-lhe que participasse de uma peça no ramo, e então sua mãe o persuadiu a ir à Igreja com ela num domingo. Logo sua irmã, Jacqueline, foi batizada. Quando Charles saiu de casa para freqüentar a universidade em Liege, diz ele: “Eu participava das atividades para os jovens de vez em quando. Fazia algumas coisas pequenas todo o tempo, mas não queria participar. Era muito tímido. Realmente não queria estar diante de muitas pessoas.”

Então, um missionário, o Élder Dewitt Paul, o desafiou, perguntando por que ele não era batizado, uma vez que estava “fazendo tudo o que um membro faz”, recorda o Élder Didier.

“Eu disse que não via necessidade disso. Tinha uma vida boa. Podia freqüentar e não ter responsabilidades. Ele disse: — Vamos orar a respeito do Livro de Mórmon, a respeito de Joseph Smith. Então, se você



tiver um testemunho, acho que reconhecerá que precisa ser batizado.

E assim oramos a respeito. Levantei-me daquela oração com um testemunho — uma resposta às minhas orações. Não era nada como uma luz, uma voz — apenas uma influência tranquilizadora: “Vá em frente e faça-o. Há sabedoria. Esse é o meu mandamento.” Em novembro de 1957, Charles foi batizado numa piscina em Bruxelas, pelo Élder Paul.

Viajando entre Liège e Namur, ele continuou seus estudos na Universidade de Bruxelas, graduando-se em 1959, em Economia. Então ingressou no programa de treinamento de oficiais de reserva da Força Aérea Belga, terminando o serviço militar como tenente e supervisor de radar.

Pouco tempo depois, estacionado a poucos quilômetros de Liège, teve tempo de sair com uma garota de olhos castanhos que havia encontrado no Ramo de Liège, Lucie Lodomez. Ela havia servido como missionária na França com a irmã dele, Jacqueline.

Quando seu serviço militar terminou, Lucie e Charles casaram-se em Liège, (eles foram selados no Templo da Suíça, em 1962) e mudaram-se para um pequeno apartamento. Charles progrediu em seu trabalho numa companhia importadora de madeira, e tanto ele como Lucie cresceram com o serviço na Igreja. Ele recebeu uma responsabilidade cada vez maior na Igreja, tornando-se, finalmente, presidente do ramo de cem membros em Liège.

Mas depois de cinco anos de trabalho em Liège, Charles estava insatisfeito. Começou a investigar as possibilidades de lecionar ou continuar sua educação. Então veio “outra resposta a uma oração”. Foi-lhe proposto que se mudasse para Frankfurt, Alemanha, para trabalhar como assistente de John E. Carr, diretor de assuntos temporais da Igreja na Europa.

A mudança durou apenas nove meses. Pediram-lhe que voltasse a Liège e assumisse o Centro de

Distribuição da Igreja. Após seu retorno, foi imediatamente chamado outra vez como presidente do ramo de Liège.

Então, em março de 1970, veio a grande surpresa da vida de Charles Didier, numa chamada telefônica da Cidade do Lago Salgado.

“Era o Presidente N. Eldon Tanner ao telefone: — O Senhor o está chamando para ser Presidente de Missão. Está pronto para partir em três meses e ir para onde quer que o Senhor o chame? — Eu disse: — Estou.”

Essas chamadas telefônicas inesperadas continuaram a influenciar sua vida. Três anos mais tarde, pouco antes da data em que deveria ser desobrigado como presidente da Missão França-Suíça, houve outra chamada telefônica, desta vez do Presidente Marion G. Romney chamando-o como Representante Regional e designando-o ao mesmo tempo gerente de área da tradução e distribuição de materiais da Igreja para toda a Europa.

Então, em outubro de 1975, enquanto assistia à conferência em Lago Salgado, o Élder Didier recebeu uma chamada telefônica, dizendo que o Presidente Spencer W. Kimball queria vê-lo. Foi chamado para ser membro do Primeiro Quorum dos Setenta que estava para ser organizado.

“Há algumas coisas que você planeja para o futuro — certas coisas que você imagina que irão acontecer-lhe. Mas, quando vem o chamado como Autoridade Geral, você fecha a porta e diz: — Agora estou nas mãos do Senhor — cem por cento. Farei o que ele me pedir que faça.”

Élder Didier tornou-se o administrador executivo da Igreja para a Europa, presidindo quatorze missões a partir de Bruxelas. Mais tarde, seria designado a supervisionar as atividades da Igreja no Canadá; depois, em 1981, a supervisionar as missões e estacas da Argentina, Paraguai e Uruguai. Com o chamado de treze novas presidências de Área em 1984, assumiu as responsabilidades de presidente da área Sul-Americana



*Momentos na vida de um converso à Igreja que se tornaria uma Autoridade Geral.*



Norte que originalmente incluía o Brasil e que agora é constituída pela Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Suriname, Guiana e Guiana Francesa. Élder Didier reside em Quito, Capital do Equador.

Embora seus deveres como Autoridade Geral exijam muito tempo e trabalho, ele ainda tem uma variedade de interesses — incluindo jardinagem, pesca, pintura em aquarela, culinária e leitura — porque acredita que devemos manter um bom equilíbrio na vida. Seu interesse lingüístico é um bem valioso; além do francês, sua língua pátria, fala inglês, alemão, holandês e espanhol.

Homem magro e ágil, o Élder Didier mantém-se em boa forma física. Acredita que seus esforços para conservar-se saudável o ajudam a suportar os rigores das viagens requeridas de uma Autoridade Geral. Ele e o Élder Gene R. Cook, do Primeiro Quorum dos Setenta, freqüentemente jogam a péla (frescobol). Observa o Élder Cook:

“Ele é realmente um bom atleta. Nada muito, consegue dar trinta ou quarenta voltas facilmente. Faz exercícios todos os dias.”

Parte desses exercícios resulta de trabalho físico. Reed Heywood, bispo da ala da família Didier (Ensign Quatro, Estaca Ensign Salt Lake) lembra que, quando o Élder Didier e filhos construíram sua casa, carregaram pedras e levantaram um muro de arrimo, trabalhando para embelezar o quintal.

“Acredito no valor do trabalho físico. Preciso dele”, comenta o Élder Didier. “Fico fechado no escritório ou em reuniões, quando estou no Lago Salgado ou na América do Sul — durante oito ou nove horas por dia. Tenho muita energia: assim, gosto de gastar essa energia no jogo da péla, nadando, pintando ou praticando jardinagem no verão. Acredito no que o Presidente Kimball dizia que precisamos de uma horta. Plantamos vinte e três árvores frutíferas. Gosto de estar bem próximo à natureza e mexer na terra.”

A maneira como se dedica à pesca de trutas sugere não apenas amor à natureza, mas também como encara muitas atividades na vida. Ele vai pescar com aqueles que sabem mais do que ele, para poder progredir. “Acredito que tenho muito a aprender, que posso aprender com qualquer pessoa.”

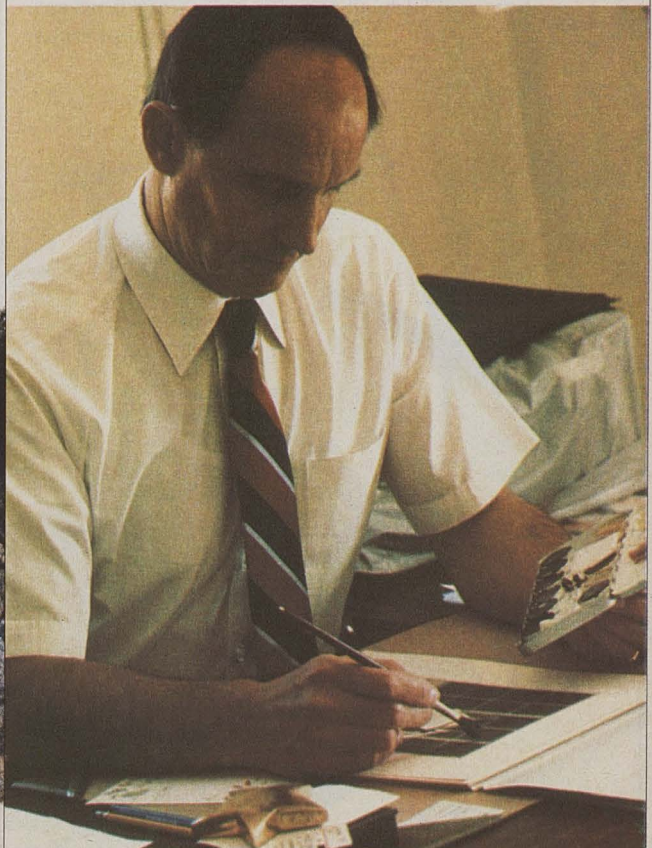
Uma das pessoas com quem aprendeu muito foi sua





Suas designações como Autoridade Geral levaram Elder Didier e sua esposa a muitas partes do mundo incluindo o Cairo, Egito, e Colina de Marte, Atenas, Grécia, onde o Apóstolo Paulo pregou na época do Novo Testamento.

Esta pintura da cabeça de um carneiro é uma amostra da habilidade do Elder Didier como artista.



mãe. Ela era, lembra ele, uma “grande cozinheira”. A sobremesa de chocolate que ele faz é uma tradição familiar.

Em novembro de 1983, ele voou para a Califórnia, a fim de assistir à conferência da Estaca Fair Oaks. Como chegou cedo na casa do presidente da estaca, foi levado para conhecer a horta da família.

“Vi que ele tinha alho-poró, uma hortaliça muito popular na Bélgica. Como não o havia cultivado antes, o presidente não tinha certeza de como prepará-lo. Eu disse: “Vamos fazer uma sopa.” Assim naquele sábado à noite, depois das reuniões de nossa conferência, com o presidente da estaca na cozinha, preparamos uma sopa de alho-poró para servir a vinte e duas pessoas no dia seguinte — o sumo conselho e outros líderes da

estaca. Acho que lá serei lembrado como preparador de sopa mais do que como Autoridade Geral.”

O Elder Didier também presta serviço por meio da “obra missionária” para seus ancestrais. Nestes últimos anos ele tem passado muitas horas na biblioteca genealógica, pesquisando a linhagem de sua família e da família de sua esposa, às vezes ficando lá de duas a três horas à noite. “Continuo pesquisando, mas já obtive bastante sucesso. Tenho todas as informações para completar nossos registros de quatro gerações. O próximo passo é apresentá-los no templo.” □

*Ed Haroldsen foi jornalista antes de pertencer ao corpo docente da Universidade Brigham Young. Aposentado, e sua esposa, Cleo, vivem em Provo, Utah, onde ele leciona temporariamente, no departamento de jornalismo da universidade.*

## O QUE O LIVRO DE MÓRMON SIGNIFICA PARA MIM

**Q**uando tinha quinze anos, decidi comprar uma Bíblia. Certa inquietação havia nascido em mim e eu sentia grande necessidade de encontrar respostas relativas às razões da existência.

Com freqüência olhava fixamente para o céu e as estrelas, imaginando onde Deus morava e que tipo de ser ele seria. Quando li as palavras de Jesus nos evangelhos, acreditei na sua veracidade. Reconheci o caminho que deveria seguir. Amava as escrituras e não tinha medo de compartilhar essa grande alegria com outras pessoas.

Um princípio que teve grande impacto em mim foi o da fé, junto com os vários dons do Espírito: da cura, dos milagres e da revelação. Estava convencido de que, se uma pessoa tivesse fé suficiente, poderia realmente remover montanhas.

Estava tão dominado por tudo isso, que procurei partilhar minha alegria com todos os meus amigos. Franco, meu amigo mais querido, foi o primeiro com quem compartilhei minhas crenças e os resultados de meus estudos. Falamos freqüentemente do mistério da vida. Meus outros amigos, no entanto, não mostravam o mesmo interesse por essas coisas.

Embora discutisse essas coisas com meus amigos, essencialmente lançara-me solitário nesse caminho, recusando filiar-me a qualquer religião organizada, por acreditar que seria capaz de encontrar resposta

aumentando minha fé no Senhor Jesus Cristo.

Senti um "progresso" real, quando recebi a confirmação das coisas que aprendi em minha leitura. Mas esse conhecimento levou a outras perguntas para as quais não encontrava respostas.

Certo dia, continuando minha busca da verdade, encontrei um livro entre tantos outros em casa: o Livro de Mórmon. Não me lembro de como aparecera lá. Possivelmente alguns missionários o haviam deixado com minha mãe vários anos antes, quando estavam em nossa área.

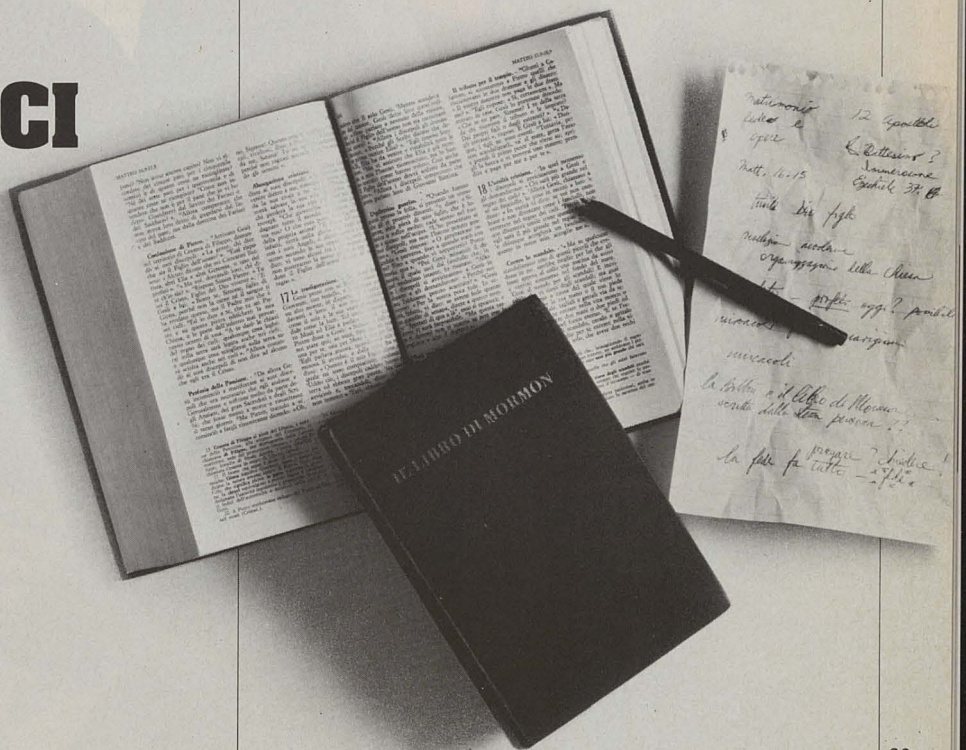
Ao começar a ler o Livro de Mórmon, notei que algo maravilhoso e muito real estava acontecendo comigo. Senti que o Autor das escrituras sagradas que eu já aprendera a amar, era também o Autor dessas novas escrituras que acabava de encontrar. Essas novas escrituras confirmavam a verdade das coisas que eu lera anteriormente.

A maior bênção que experimentei foi que todas as perguntas que haviam surgido em minha mente, enquanto estudava a Bíblia, foram respondidas estudando o Livro de Mórmon. Ele me proporcionou um maior entendimento, dando mais luz às escrituras da Bíblia.

O fato de termos o Livro de Mórmon nestes últimos dias confirmou minha crença de que Deus ainda realiza milagres.

# RECONHECI O AUTOR

Roberto Manes

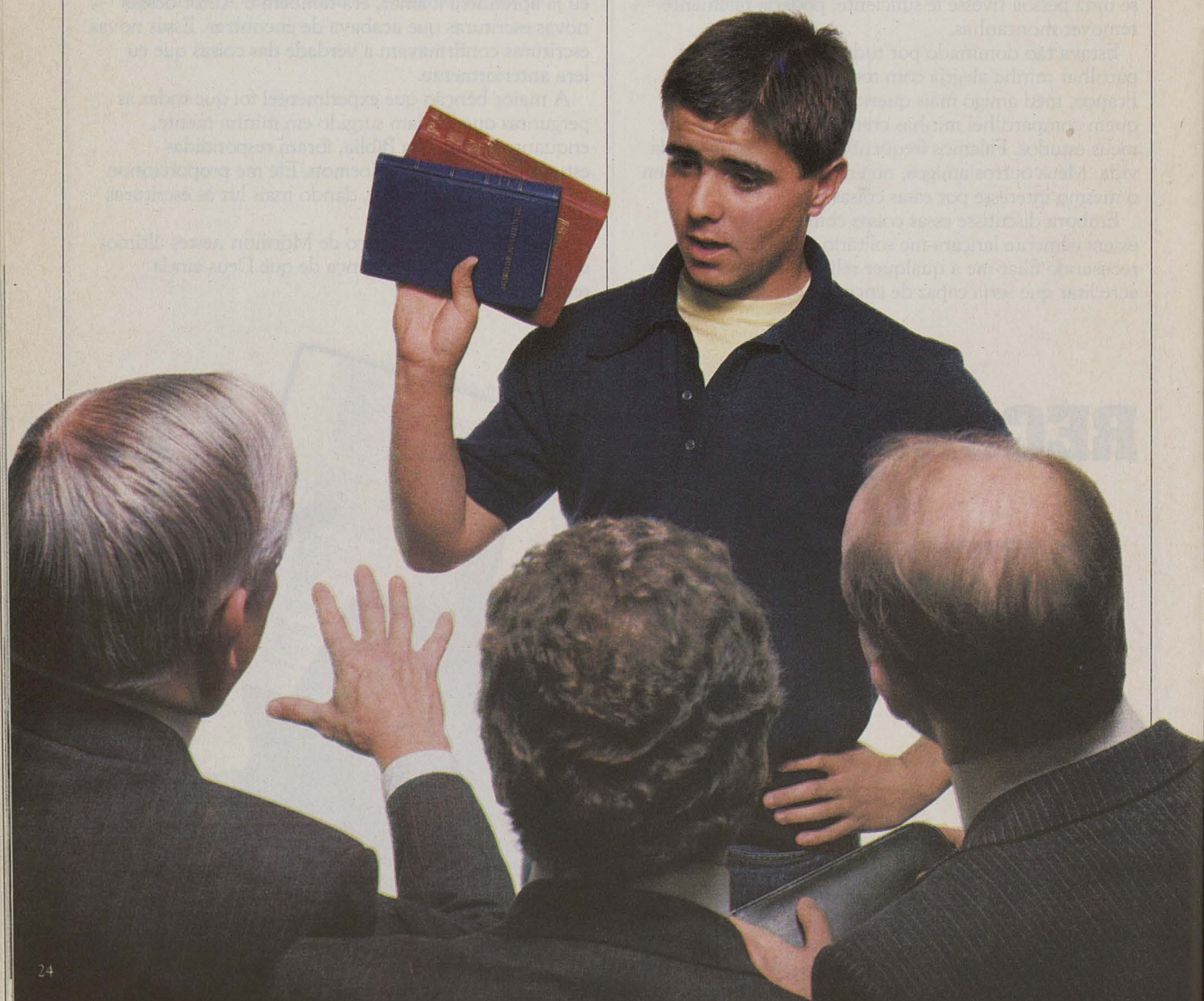


Certo dia, recebi a visita de alguns ministros. Comecei a mostrar-lhes a maneira miraculosa pela qual Deus mais uma vez dera ao homem, por intermédio de um anjo, outras escrituras. Um deles me disse que todas essas coisas eram manifestações do demônio, com o que não concordei. Senti grande harmonia em tudo o que lera. Naquela época, não era de meu conhecimento a profecia de Ezequiel. Eu pegara as duas "varas", a de Judá (a Bíblia) e a de José (o Livro de Mórmon) e transformara-as numa só em

minha mão e meu coração. (Vide Ezequiel 37:16.)

Tudo isso aconteceu sem que soubesse que igreja usava o Livro de Mórmon. Foi só quando eu tinha dezoito anos, que conheci os missionários que ensinavam sobre o Livro de Mórmon, quando estavam realizando uma reunião de rua, no centro de Milão, Itália.

Poucos meses depois, orientado e apoiado pelas escrituras, fui batizado na Igreja do Senhor. □



# “SAMARITANOS” SUÍÇOS

Karen L. Brown

Estávamos trafegando pelos majestosos Alpes suíços, em férias com a família, quando, sem

nenhum sinal, nosso furgão deixou de funcionar. Meu marido, Floyd, levou o carro para o acostamento da estrada alpina e tentou fazer o motor pegar de novo. Repentinamente houve um forte estrondo. “Está em ordem”, disse Floyd. “Apenas barulho do escapamento.”

Mas algo me fez olhar pelo vidro traseiro. Para meu horror, vi chamas saindo sob o furgão, espalhando-se pela traseira do veículo. “Fogo!” gritei. Floyd reagiu instantaneamente. “Todos para fora do furgão — já!” gritou, correndo para abrir as portas laterais para nós. Nossas duas meninas, de dezesseis e seis anos, rapidamente pularam do furgão e correram para longe, pelo acostamento. Nosso filho de quatro anos, descalço e com medo, logo estava nos braços do pai. Foi tirado correndo do furgão em chamas que esperávamos explodir a qualquer minuto.

Rob Colvin



O bebê e eu ficamos por último. Pareceu levar uma eternidade para desabotoar as cintas que prendiam o assento. Floyd ajudou-nos a sair, e corremos também.

Uma nuvem de fumaça pegajosa e preta erguia-se do furgão em chamas, quando um jovem casal francês parou. O homem correu até o telefone para pedir ajuda. Sua esposa ajudou-nos a acalmar as crianças.

A seguir, parou um motorista de caminhão e começou a apagar o fogo com um extintor de caminhão. Depois ajudou meu marido a salvar a maior parte de nossa bagagem. O furgão continuava a queimar.

A essa altura, fazendeiros haviam saído de suas casas para observar o movimento. Logo chegaram um grande carro de bombeiro e carros da polícia. Rapidamente, a equipe de bombeiros apagou as chamas e recuperou o resto de nossa bagagem.

Lá estávamos nós, com malas espalhadas ao lado do furgão queimado, parados no acostamento de uma estrada na Suíça — a uma enorme distância de nossa casa na Califórnia. Mas sentíamos-nos aliviados e gratos por estar salvos e termos também a maior parte de nossa bagagem.

— Alguém aqui fala inglês? — perguntou meu marido, esperançoso. Houve apenas olhares perplexos e alguns encolheram os ombros.

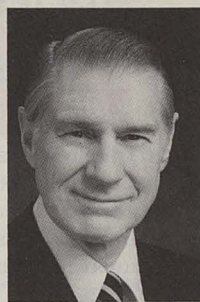
Então um homem deu um passo à frente. — Venham à minha casa — disse num inglês deficiente. — Venham à minha casa — e apontou para um pequeno chalé no outro lado do vale. Foram necessárias três viagens no seu pequeno carro para levar todos nós e a bagagem. A esposa e família de nosso novo amigo alimentaram-nos, colocaram nossos filhos cansados na cama, e nos ajudaram a separar e recondicionar todas as nossas coisas.

A esposa falava um inglês fluente, e ficamos acordados até tarde naquela noite, conversando com nossos anfitriões; mas foi só na manhã seguinte, quando nos preparávamos para partir, que descobrimos que também eram santos dos últimos dias. Isso tornou a família anfitriã ainda mais especial para nós.

Aquele dia nos Alpes foi a parte mais memorável de nossas férias. Nunca nos esqueceremos de nossa assustadora experiência. Nem olvidaremos aquela família suíça — irmãos e irmãs no evangelho que encontramos por acaso — e o amor que nos demonstraram. □

*Karen L. Brown, uma dona de casa, é professora da Primária na Ala Encitas, Califórnia.*

# “UMA FÉ IN



**D**Élder James E. Faust  
Do Quorum dos Doze Apóstolos  
desenvolver uma fé  
simples, imperturbável,  
não limita nosso crescimento e  
realizações. Pelo contrário, pode  
intensificar e acelerar nosso  
progresso.

Há vários meses, visitei, com outra Autoridade Geral, a bela ilha do Taiti. Nosso avião chegou ao aeroporto de Papeete por volta das quatro horas da madrugada. Fomos recebidos por um grupo de líderes locais da Igreja, encabeçado pelo Representante Regional Victor Cave. Rapidamente apanhamos nossa bagagem e fomos para o hotel descansar o que pudéssemos, antes que começassem as atividades do dia.

Ao passarmos pelas ruas calmas sob a luz do amanhecer, vimos um homem atravessar a pista na frente do carro do Irmão Cave. O Irmão Cave diminuiu a velocidade do carro para dar ao homem bastante tempo para atravessar e nos contou: — Esse homem é membro da ala local. Está correndo para chegar ao templo. A primeira sessão do templo só começa às nove horas, mas ele quer estar lá bem antes da hora.

— A que distância ele mora?  
— perguntamos-lhe. A resposta:  
— Dois ou três quarteirões. O Irmão Cave contou que os zeladores abrem os portões do templo bem cedo e que esse irmão entra e fica vendo o dia nascer de dentro dos terrenos sagrados que rodeiam o belo templo.

Maravilhei-me com a fé que esse irmão demonstrava, dispondo-se a desistir de seu sono e outras atividades, a fim de meditar e contemplar. Alguns, sem dúvida, dirão: “Que absurdo! Que desperdício de tempo: poderia ficar dormindo ou estudando.” Espero que naquelas horas especiais de meditação e



# É IMPERTURBÁVEL”

contemplação, esse fiel irmão esteja chegando a conhecer a si mesmo e a seu Criador.

É importante para nós desenvolvermos essa fé simples, imperturbável. Insisto em que aceitemos plenamente os aspectos fundamentais de nossa fé. Ao mesmo tempo, exorto-vos a que não fiquéis preocupados com pequenos detalhes e aparentes contradições que parecem perturbar muitos de vós. Às vezes gastamos tempo satisfazendo nosso orgulho intelectual e tentando encontrar *todas* as respostas, antes de aceitar *qualquer uma*.

Estamos todos buscando verdade e conhecimento. Desenvolver uma fé simples, imperturbável, não limita nosso crescimento e realizações. Pelo contrário, pode intensificar e acelerar nosso progresso. É isto porque nossos dons e poderes naturais de realização são sempre aperfeiçoados por crescimento e conhecimentos novos.

Néfi explicou que seus irmãos se tornaram tão iníquos e insensíveis ao Espírito, que haviam “perdido a sensibilidade”, embora tivessem visto e ouvido um anjo, e embora Deus houvesse falado com eles com voz mansa e delicada. (Vide 1 Néfi 17:45.) Por outro lado, Néfi nos diz que, se “(nos banquetearmos) com as palavras de Cristo, ... as palavras de Cristo vos ensinarão todas as coisas que deveis fazer”. (2 Néfi 32:3.)

## ELE GASTOU O MANUAL

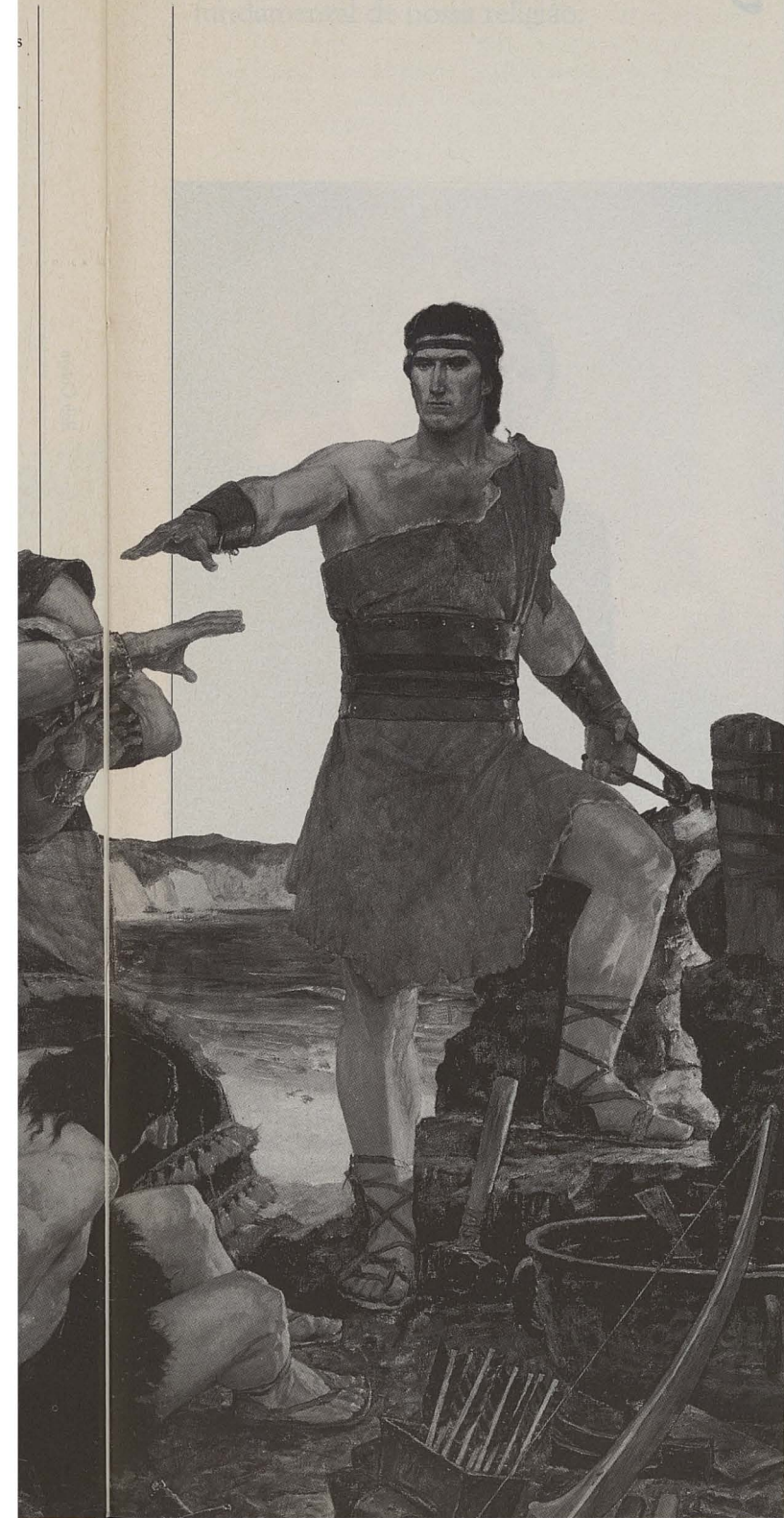
Tenho um amigo querido. Crescemos juntos. Embora fosse inteligente e capaz, não era um bom aluno na escola. As necessidades e preocupações com a família limitaram suas oportunidades de estudo; ele não completou sua escolaridade básica. Conseguiu comprar um velho caminhão usado e começou a transportar areia e pedregulho para alguns empreiteiros. O trabalho era apenas temporário e não muito lucrativo. O velho caminhão freqüentemente quebrava e precisava de consertos.

Ele casou-se com uma boa mulher e achou um lugar para viver. As coisas eram difíceis para ele no setor financeiro, mas, de alguma forma, conseguiram construir casa própria.

Eu era bispo dele naquela ocasião e o chamei como consultor do Sacerdócio Aarônico. Ele levou seu chamado a sério. Gastou o manual, estudando-o. Tinha um caderno anotado com as datas em que todos os rapazes da ala atingiriam a idade para serem avançados no Sacerdócio Aarônico. Acompanhava de perto os rapazes e mantinha o bispado informado de suas atividades.

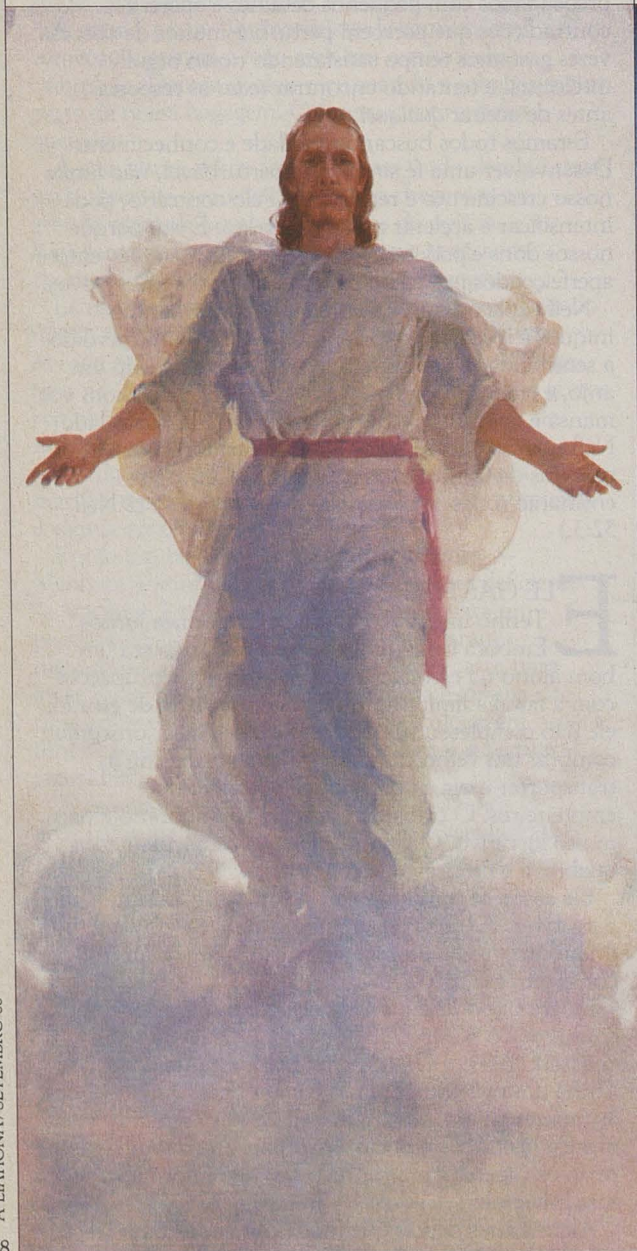
Alguns anos depois que fui desobrigado como bispo,

Arnold Friberg



**J**ESUS, O FILHO DO PAI,  
é o Cristo, e o Salvador e o  
Redentor do mundo.

**J**OSEPH SMITH foi o instrumento  
pelo qual o evangelho foi restaurado  
em sua plenitude e totalidade.

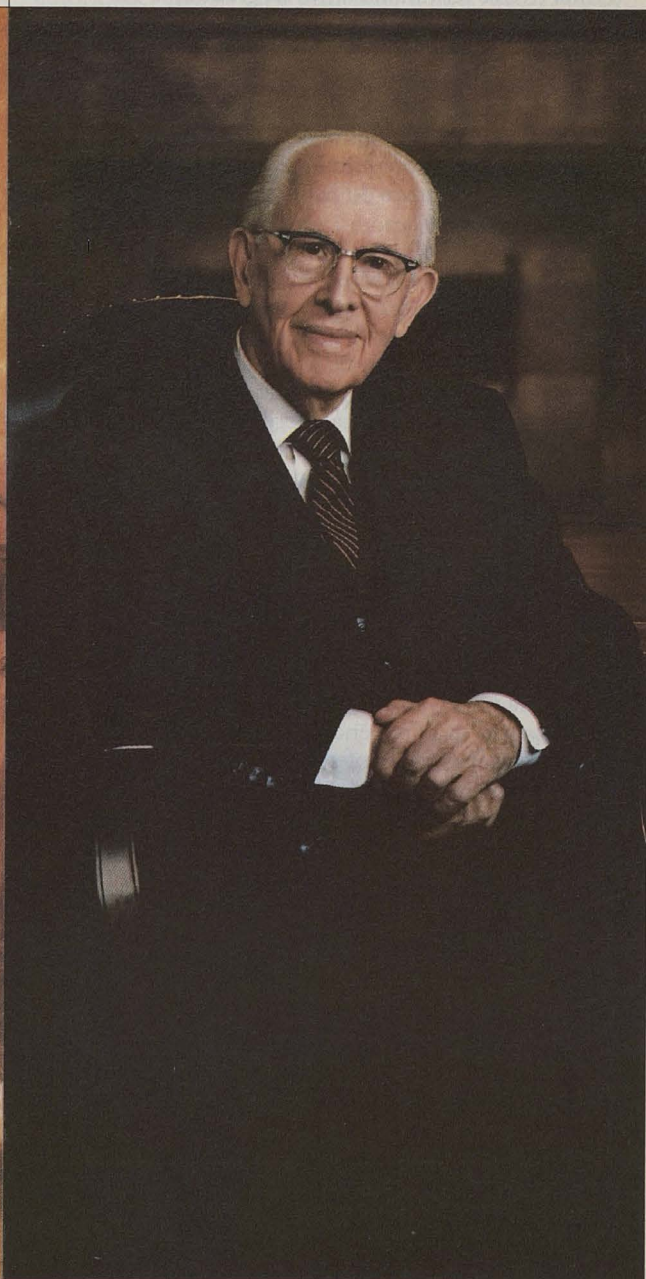


**O** LIVRO DE MÓRMON é a palavra de Deus e, como disse o Profeta Joseph Smith, é a pedra fundamental de nossa religião.



Tradução do Livro de Mórmon, de Earl Jones

**E**ZRA TAFT BENSON é, como foram todos os seus predecessores como presidentes da Igreja, sucessor que porta as chaves e autoridade restauradas por intermédio de Joseph Smith.



Fotografia por Busath, Cidade do Lago Salgado, Utah.

ele tornou-se membro do bispado, correspondendo fielmente ao chamado. Mais tarde tornou-se nosso bispo e serviu maravilhosamente.

Nesse meio tempo, ele e um sócio haviam aprendido a assentar tijolos e fundado uma empreiteira de excelente reputação. Seus serviços eram procurados por muitas pessoas. Ele prosperou e tornou-se muito respeitado na comunidade.

Depois de muitos anos de um ótimo trabalho como bispo, ele foi chamado para o sumo conselho da estaca, onde serviu bem e fielmente. Embora sua educação formal tivesse terminado antes da graduação no segundo grau, é agora um homem de negócios respeitado e estimado. Com a vantagem de estudos universitários, sem dúvida teria conseguido ainda mais.

O que o fez ter sucesso? Esforço? Economia? Auto-suficiência? Sim, mas houve algo mais. Fiel e diligentemente, ele procurou conhecer e seguir o pensamento e vontade do Senhor. Tinha uma fé simples e inabalável.

**N**ÃO EXISTE MELHOR MESTRE  
O Presidente Stephen L. Richards explicou-o desta maneira: "A alma imortal, que é a união do corpo e da alma, investe-se da natureza divina de nosso Pai Eterno e de nosso irmão mais velho, Jesus Cristo." (Conferência Geral, abril de 1945.) Essa investidura de natureza divina intensifica e magnifica nossos dons e capacidade. Não existe melhor mestre, maior força do que a natureza divina do Pai Eterno e de Jesus Cristo.

O profeta e outros líderes da Igreja são igualmente grandes mestres. Antes de ter sido chamado como Autoridade Geral e de ter um lugar na conferência geral, sempre procurei ouvir, pela televisão ou rádio, todas as sessões de conferência. Certo sábado, meu filho tinha para o seminário a designação de examinar as mensagens da conferência. Ouvimos fielmente todos os procedimentos da conferência. Pouco depois, meu filho disse pensativamente: "O que as Autoridades Gerais estão-nos dizendo?" Ele estava procurando entender o tema básico de suas mensagens.

Todos devemos perguntar-nos: O que as Autoridades Gerais estão-nos dizendo? Os profetas vivos podem abrir as visões da eternidade; eles dão conselho sobre como vencer o mundo. Não podemos saber qual é esse conselho, se não o ouvirmos. Não podemos receber as bênçãos que nos são prometidas, se não seguirmos o conselho dado.

Quando eu era jovem presidente de estaca, conheci muitas Autoridades Gerais, quando vinham falar na nossa conferência de estaca. Que experiência maravilhosa! O Presidente Hugh B. Brown veio a uma de nossas conferências de estaca exatamente uma semana antes de ter sido chamado e apoiado como membro do Conselho dos Doze. Desfrutamos de seu

cálido espírito e bom-humor. Enquanto o ajudava a vestir o paletó e saía do carro com ele, indaguei: "Elder Brown, tem algum conselho pessoal para mim?"

Sua resposta foi: "Sim. Siga as Autoridades Gerais." Ele preferiu não estender-se ou explicar, mas deixou esta mensagem poderosa: Tenha a fé simples para seguir as Autoridades Gerais.

Minha Avó, Maud Wetzel Faust, costumava contar a seus jovens netos a respeito da ocasião em que foi a uma conferência geral presidida pelo Presidente Brigham Young. Com exceção do Profeta Joseph Smith, ela conhecera todos os presidentes da Igreja até Heber J. Grant. De suas observações no decorrer dos anos, tinha isto a dizer: "Aqueles que rejeitaram as Autoridades Gerais não prosperaram."

## C ESSAI DE PREOCUPAR-VOS

Os críticos da Igreja tentam lançar dúvidas sobre esta obra maravilhosa, devido às fraquezas humanas de seus líderes. Podemos reconhecer que todos os líderes da Igreja, passados e presentes — exceto o próprio Cristo — são sujeitos a falhas e fraquezas humanas. Mas, como disse o Presidente Gordon B. Hinckley alguns anos atrás, "dar ênfase aos erros e ignorar o bem maior é fazer uma caricatura. As caricaturas são divertidas, mas freqüentemente feias e desonestas. Um homem pode ter verruga na face e ainda assim ter um belo rosto e forte; mas, se a verruga é excessivamente enfatizada em relação aos outros traços, falta integridade ao retrato. (*Church News*, 3 de julho de 1983, p. 11.)

No mesmo discurso, dizia o Presidente Hinckley: "Se alguns dos (primeiros líderes da Igreja) cometeram erros, ou se o seu caráter foi levemente falho neste ou naquele sentido, é ainda mais surpreendente que tenham conseguido tanto." O mesmo é verdade hoje.

Num apelo veemente aos santos para que se preocupassem mais com as coisas comuns, o Presidente Wilford Woodruff deu este conselho à Igreja: "Cessai de preocupar-vos com quem é Deus; quem é Adão, quem é Cristo, quem é Jeová. Por favor, deixai essas coisas em paz. Por que vos preocupais com essas coisas?... Deus é Deus. Cristo é Cristo. O Espírito Santo é o Espírito Santo. Isto deve ser suficiente para vós e eu sabermos. Se quisermos saber mais, esperemos até chegarmos onde Deus está em pessoa. Digo-vos... humilhai-vos diante do Senhor; buscai luz, verdade e o conhecimento das coisas comuns do reino de Deus." (*The Discourses of Wilford Woodruff*, editado por G. Homer Durham, Salt Lake City: Bookcraft, 1946, pp. 135-136.)

Para ter um "conhecimento das coisas comuns do reino", deveis conservar vossa inocência espiritual. Isto requer que eviteis o cinismo e as críticas. Este é o dia dos cínicos e dos críticos. Disse o Presidente Hinckley: "O criticismo é o precursor do divórcio, o cultor da

rebelião, às vezes o agente que leva ao insucesso. Na Igreja, lança as sementes da inatividade e, por fim, da apostasia.” (*Church News*, 3 de julho de 1983, p. 10.)

**A**LGUNS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS  
Para ter inocência espiritual — para ter uma fé simples, imperturbável — temos de aceitar alguns princípios fundamentais. Eles são essenciais. Significam acreditar em que:

1. Jesus, o Filho do Pai, é o Cristo, e o Salvador e Redentor do mundo;
2. Joseph Smith foi o instrumento pelo qual o evangelho foi restaurado em sua plenitude e totalidade;
3. O Livro de Mórmon é a palavra de Deus e, como disse o Profeta Joseph Smith, a pedra fundamental de nossa religião;
4. Ezra Taft Benson é, como o foram todos os seus predecessores como presidentes da Igreja, sucessor que porta as chaves e autoridade restauradas por intermédio de Joseph Smith.

Podeis perguntar: “Como posso adquirir uma fé inabalável e certeza espiritual de que cada um desses princípios fundamentais é verdadeiro?” Essa fé inabalável pode vir através da oração, estudo e do desejo humilde de guardar os mandamentos.

Sejamos, porém, mais específicos. Com relação ao primeiro princípio, a aceitação de Jesus como o Cristo, temos duzentos anos de ensino e tradição, que nos ajudam a aceitá-lo como nosso Salvador e Redentor. Assim, esse princípio, pelo menos de início, pode ser o mais fácil de aceitar, depois de estudo, oração e procurar seguir seus ensinamentos.

O segundo princípio, o chamado de Joseph Smith como Profeta da Restauração, pode ser mais difícil de aceitar para quem está buscando honestamente. Para apreciar devidamente a grandeza da missão de Joseph Smith, temos de voltar bem atrás e ter uma visão panorâmica dela. Para mim, a única explicação lógica para a magnitude e sucesso de seu trabalho é que ele viu o que disse ter visto, e foi o que dizia ser. Os frutos da obra de Joseph Smith, tão facilmente provados por todos, são também um testemunho da divindade dessa obra.

O terceiro princípio, isto é, o testemunho da veracidade do Livro de Mórmon, vem em minha opinião, exatamente como Morôni afirma, pelo poder do Espírito Santo — perguntando-se a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se o livro é verdadeiro. Cumpre-se então, a promessa: “Se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo.” (Morôni 10:4.)

O quarto princípio é essencial para se desfrutar de uma fé imperturbável. É a afirmação de que o Presidente Ezra Taft Benson é o herdeiro das chaves restauradas, como foi cada um de seus predecessores

desde Joseph Smith. Alguns aceitam o Salvador, a missão divina de Joseph Smith, o Livro de Mórmon, mas depois acham que, após a época de Joseph Smith, de alguma forma as Autoridades Gerais se desviaram do caminho. Muitos dos que pensaram assim levaram outras pessoas consigo, e seus esforços não prosperaram.

**A** TRANSFERÊNCIA DAS CHAVES  
Há um grande precedente que se perpetua através das eras, para apoiar a sucessão da autoridade. Depois da crucificação do Salvador, Pedro, como apóstolo sênior, tornou-se presidente da Igreja. Desde a restauração das chaves do sacerdócio por Joseph Smith, esta prática tem sido seguida nas sucessões ao ofício de presidente da Igreja.

À medida que cada um dos apóstolos foi ordenado ao apostolado e ao Quorum dos Doze, tem recebido todas as chaves do reino de Deus na terra — algumas das quais ficam inativas até a morte do presidente da Igreja. Por ocasião da morte deste, as chaves ficam com o Quorum dos Doze como um todo. Quando um novo presidente é ordenado e designado, o Conselho dos Doze, todos juntos, impõe as mãos sobre sua cabeça e ativa as chaves que detinha, desde que foram ordenados apóstolos. Tem sido assim desde que Pedro, Tiago e João conferiram as chaves ao Profeta Joseph Smith. Foi assim com o Presidente Ezra Taft Benson.

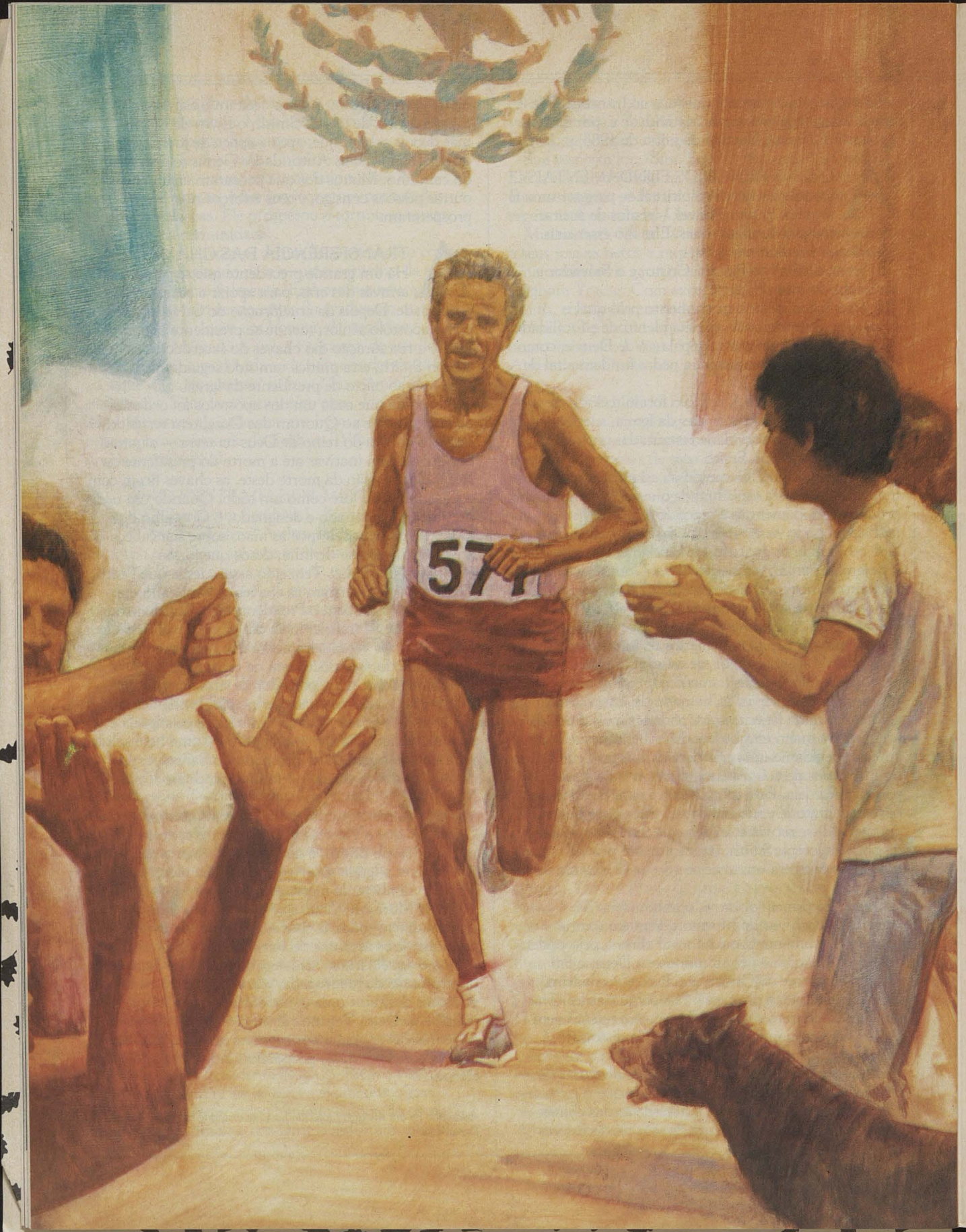
Devido a essa transferência das chaves e autoridade, podemos dizer verdadeiramente que, uma vez que a autoridade do sacerdócio está na terra hoje, o Presidente Benson é o portador de suas chaves.

A aceitação desses quatro princípios fundamentais; junto com as ordenanças administradas pela Igreja e com a obediência aos mandamentos, é uma base sólida para que desfrutemos da promessa do Salvador: paz nesta vida e vida eterna no mundo vindouro. (Vide D&C 59:23.)

Presto-vos testemunho, como testemunha especial de Cristo, de que o Pai e o Filho realmente apareceram ao menino Joseph Smith, e de que ele recebeu a ordem de restabelecer a Igreja sobre a terra em sua plenitude. Testifico também da mensagem divina e verdadeira do Livro de Mórmon. Creio que o Presidente Ezra Taft Benson detém todas as chaves e autoridade para administrar os assuntos do reino de Deus na terra.

Como aquele irmão atravessando a rua de Papeete às quatro horas da madrugada, correndo para o templo, podemos desfrutar uma consciência tranquila nos templos de Deus. Ter uma fé simples, imperturbável, pode-nos elevar acima dos aspectos egoístas, sórdidos e ambiciosos do mundo, proporcionando-nos paz e vida eterna. □

*Adaptado de um discurso proferido na Universidade Brigham Young, Provo, Utah.*



Robert Barret

# “MARATONA” NO MÉXICO

**Brigida A. de Pérez** Gostaria de compartilhar uma experiência e uma lição que nunca esquecerei.

Anos atrás, foi anunciado que seria realizada uma “maratona” de dezessete quilômetros entre as cidades vizinhas de Jaltocan e Huejutla, México. Um mês antes da corrida, meu marido Leon, com setenta e dois anos, surpreendeu-me, dizendo: “Vou fazer um teste correndo alguns quilômetros, e se me sair bem, vou participar da corrida.”

Assim, numa manhã bem cedo, ele se desafiou a correr determinada distância. Voltou triunfante. A rota que escolhera era em declive, e foi fácil. No entanto, lembrei-lhe que o percurso da maratona era, na maior parte, morro acima. Mas, incentivado pela família, meu marido decidiu que correria. Nossos filhos até mesmo compraram-lhe um bom par de tênis de corrida, e um deles também se inscreveu na maratona.

Chegou o dia da corrida, 26 de novembro. Com exceção de meu marido e nosso filho de trinta e oito anos, todos os participantes tinham pouco mais de vinte anos. Desde o início, meu marido estabeleceu um ritmo firme de corrida. Minha nora e eu íamos acompanhando num carro, para dar água a nossos maridos a cada dois ou três quilômetros. Quando meu marido havia corrido dez quilômetros, eu lhe disse: — Meu velho, pare e descanse um pouco como os outros estão fazendo — ao que respondeu: — Não, não vou parar, porque, se o fizer, não conseguirei chegar ao fim. — E continuou no mesmo ritmo firme.

Havia muitos espectadores ao longo do percurso, e eles ficaram surpresos, quando viram um velho de setenta e dois anos correndo. Quando meu marido completou quinze quilômetros, fiz uma oração silenciosa, pedindo ao Senhor que desse a Leon força para terminar a corrida. Um de meus netos animou-o,

dizendo: — Está indo otimamente, vovô. Você tem só mais dois quilômetros pela frente. — Filhos e netos — todos estavam torcendo por ele.

Dos trinta e dois corredores que começaram a “maratona”, apenas seis tiveram energias para terminá-la, incluindo Leon e nosso filho. O jovem que chegou em primeiro lugar fez o percurso em uma hora e quinze minutos. Meu marido foi o último a cruzar a linha de chegada, e nosso filho o penúltimo.

Quando Leon chegou ao fim do percurso, crianças aplaudiram e gritaram: “Vovô, vovô, rah! rah! rah!” O prefeito da cidade abraçou-o, fogos de artifício e rojões foram soltos e uma banda tocou. Foi anunciado que um grande esportista, de setenta e dois anos, havia terminado a corrida em duas horas e quinze minutos. Nossos filhos e eu choramos de alegria. Leon guardou apenas metade do prêmio em dinheiro que recebeu e doou a outra metade para obras de caridade. Sua generosidade e determinação de ir até o fim da corrida foram um grande exemplo para seus filhos.

Comecei a pensar que, de certa forma, é isso que é a vida — uma corrida na qual temos de fazer um grande esforço para alcançar a meta. Se tivermos sucesso, os anjos cantarão de alegria, exatamente como as crianças felizes saudaram meu marido. E, assim como o prefeito abraçou Leon, o Senhor receber-nos-á com prazer e porá os braços à nossa volta, dizendo: “Bem está, bom e fiel servo.”

Como a multidão que estava ao longo do percurso da “maratona”, torcendo, os líderes da Igreja nos incentivam ao longo do percurso da vida e nos ajudam a ter bom ânimo, e nos dão a água viva. As Autoridades Gerais são profetas que dizem: “Coragem, sede firmes e não desanimeis e, se perseverardes até o fim, tereis a vida eterna.” □

*Na época da “maratona”, Leon Perez era presidente do Ramo San Felipe Orizatlan, na Missão México Cidade do México Norte.*

## EXPERIÊNCIA MÓRMON

**A** Martina Schuebel Faz algum tempo, alguém me disse: — Não teria sido melhor para você nunca ter nascido? Pense só em todos os problemas

**VERDADEIRA** que você teve na vida, e em todas as

**LUZ** coisas que lhe faltaram. Profundamente magoada, protestei: — Mas eu gosto da vida!

Ao que minha amiga replicou: — Não foi sempre assim, foi?

Olhando para trás, percebo que essa pessoa estava absolutamente certa; não foi sempre assim. Sou cega. Houve momentos em que me desesperei, noites em que chorei até acabar dormindo, e meses em que vivia apática.

Houve um tempo em que passava meus dias sentindo pena de mim mesma, um tempo em que dizia que Deus não existe, pois um Deus nunca permitiria que acontecesse uma coisa dessas. Sim, houve uma época em que eu tateava no escuro, uma época em que eu era verdadeiramente cega.

Admito que, de fato, tenho problemas, e eles começam

pela manhã, quando saio da cama e não sei se as roupas que ponho combinam ou não. Ou quando estou esperando o ônibus e não sei se aquele que está chegando é o que eu deveria pegar. E não posso ocupar-me de meu trabalho diário da maneira como gostaria de fazê-lo. Frequentemente, as pessoas se mostram reservadas para comigo, incertas de como aproximar-se de mim.

Mas isso são meras trivialidades, coisas que realmente não importam. As coisas verdadeiramente importantes da vida, não percebemos com os olhos. Sei que meu mundo é menor do que o vosso mundo e, ainda assim, ele contém aquelas coisas preciosas que para mim são a vida; a certeza de que somos filhos de Deus e de que nosso Pai Celestial nos ama com um amor que nenhuma língua da terra jamais poderia descrever; a convicção de que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a única igreja verdadeira; de que recebemos revelações por intermédio de um profeta de Deus; e de que Jesus Cristo, morreu e ressuscitou para expiar nossos pecados e para nos dar a vida eterna. Estou segura e protegida. Tenho alegria e paz no conhecimento dessas coisas.

Rejubilo-me no evangelho, embora minha mente não possa compreender inteiramente sua incomparável beleza.

Maravilho-me ao pensar nessa luz e que jamais trocaria pela luz que agora me é negada.

Quando penso a respeito das dificuldades e tristezas que possivelmente me estejam reservadas, sinto conforto na grande promessa dada pelo Salvador:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” (Mateus 11:28.)

Como é confortador saber que ele nos aliviará! A vida será bela, a vida será rica, a vida valerá a pena ser vivida. □

**SUAS PALAVRAS** Erika Heymann Meu marido e eu nos filiamos à Igreja em 1973. Antes de sermos batizados, nosso filho de dois anos, único filho, morrera após uma cirurgia

**SE CUMPRIRÃO** cardíaca de coração exposto. Desejávamos muito ter outro filho, especialmente quando adquirimos uma nova compreensão dos princípios do evangelho. O patriarca

de nossa estaca prometeu, um ano depois, que o Senhor nos daria mais filhos, se eu lho pedisse com fé e me mantivesse digna.

Em 1976, descobri que estava grávida, mas quatro meses e meio depois, tive um aborto.

Em 1982, oito anos depois de haver recebido minha bênção patriarcal, nasceu nosso filho Christian. Ele era prematuro e nasceu de um parto cesário. Pesava apenas oitocentas gramas, e os médicos nos deram pouquíssimas esperanças. Para espanto deles, Christian fez grande progresso, depois de receber de meu marido uma bênção do sacerdócio.

No terceiro dia após o nascimento, eu deveria visitá-lo. Como ansiava ver meu filho! Acordei às duas e meia da madrugada. Com lágrimas rolando pelas faces, supliquei ao Senhor: "Pai Celestial, não o deixes morrer! Quero tanto tê-lo comigo", acrescentando: "Mas, se isso não estiver de acordo com a tua vontade, Pai, eu o aceito."

Mais tarde, naquela mesma manhã, meu marido veio contar-me que nosso filho morrera às 2h45min da madrugada. Foi uma perda dolorosa, e nós choramos e oramos juntos. Em resposta às nossas orações, sentimo-nos cercados de calor e paz.

No hospital, eu lera minha bênção patriarcal muitas vezes. Tivéramos um filho depois de receber a bênção. Mas lá estava a promessa, da boca do patriarca: O Senhor nos daria filhos. Eu já tinha trinta e cinco anos, e depois de perder dois filhos, achava-me desanimada.

Em 1984, dois anos depois da morte de Christian, nasceu nossa querida filha. Estive próxima da morte para dá-la à luz.

Alegramo-nos sabendo que nossos dois filhos estão esperando por nós no mundo espiritual, e alegramo-nos com nossa filha que já fez a sua primeira oração. Se mais alguma criança nos estiver destinada, alegremente a receberemos.

O evangelho é verdadeiro. Ele enriqueceu nossa vida e nos fez verdadeiramente felizes. □

## ELES ESPERAVAM OS ÚLTIMOS SACRAMENTOS

Richard L. Emery Ouvi falar de Sharon pela primeira vez, quando o bispo me pediu que eu fosse ao hospital local para administrar a uma mulher que fora ferida num acidente de carro. Eu acabei de voltar de uma visita a outra irmã no mesmo hospital, que ficava a certa distância do meu escritório. Como não conseguira fazer muita coisa naquele dia, eu realmente não queria realizar a mesma viagem novamente, sentindo-me de certa forma irritado com aquele transtorno. Ao me dirigir para o hospital, meus pensamentos não eram muito positivos.

Sharon e sua família estavam a caminho de casa, voltando das férias, quando seu veículo colidiu de frente com um grande caminhão.

Sharon ficou seriamente ferida, com um profundo corte sobre os olhos, um braço fraturado, o nariz quebrado, ferimentos internos e esmagamento do crânio. Um dos filhos de Sharon morrera no acidente, outro filho quebrara a perna. Seu marido e as duas outras crianças estavam levemente feridos.

Na sala de emergências do hospital, o médico examinara-a rapidamente e dissera à equipe que não tinha esperança de salvá-la. Sharon pedira uma bênção do sacerdócio.

Quando cheguei ao hospital, um outro membro da ala estava esperando por mim, pronto para me ajudar a administrar a bênção.

Meu companheiro procurou na cabeça de Sharon um lugar para aplicar o óleo consagrado — uma tarefa difícil, porque seu crânio estava seriamente ferido. Finalmente, localizou uma pequena área livre num lado da cabeça.

Busquei em minha mente as palavras para sua bênção. Nunca antes administrara alguém que estivesse morrendo, e não sabia o que dizer. Deixei que o Espírito ditasse as palavras. Lembro-me de ter assegurado que ela viveria para criar seus filhos, que sua missão terrena ainda não estava terminada, que sua família ainda precisava dela, que seus ferimentos sarariam rapidamente.

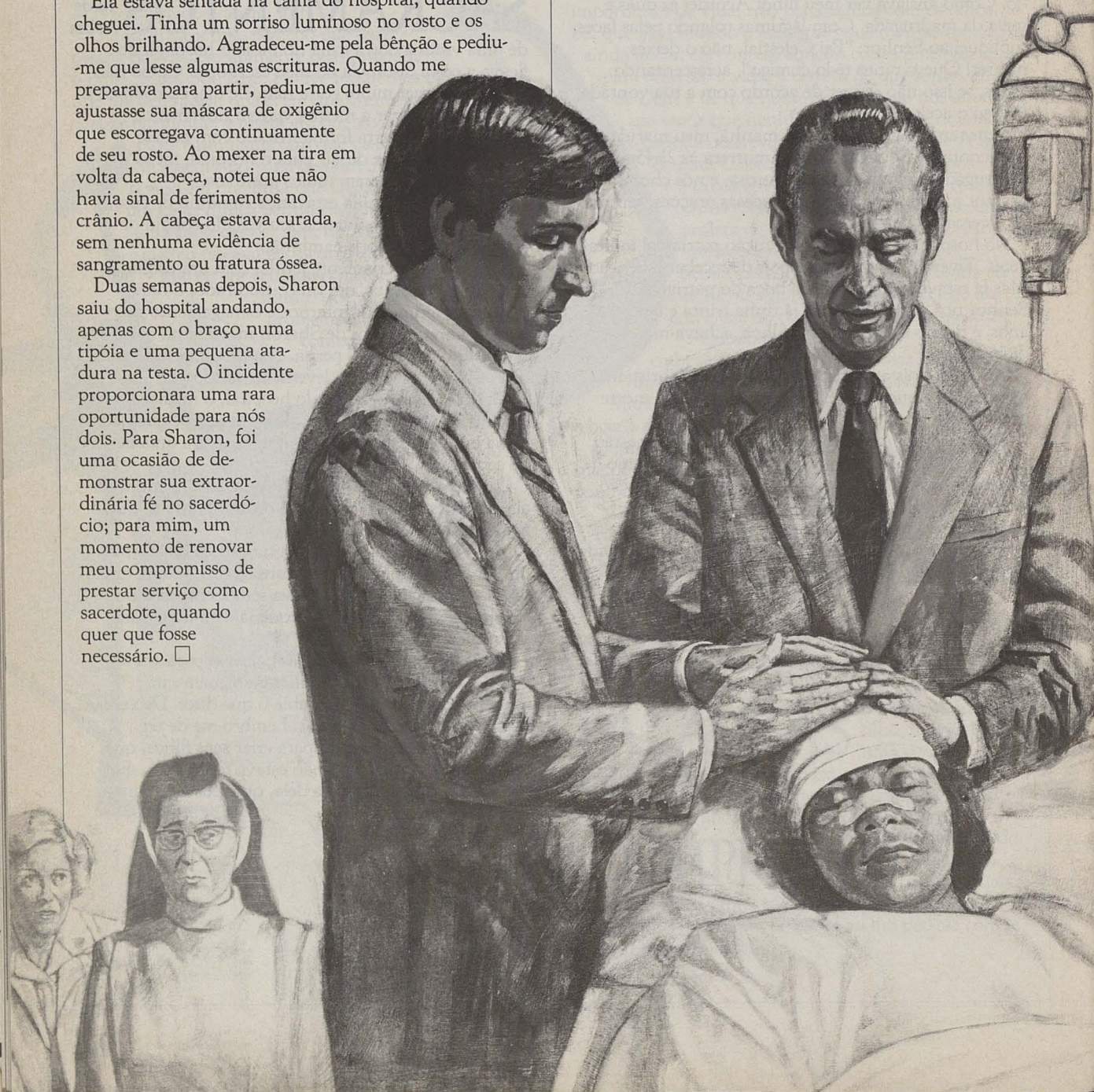
Foi uma surpresa para a equipe da sala de emergências do hospital, que consistia de enfermeiras e freiras. Elas esperavam os últimos sacramentos, e ficaram estupefatas ao ouvir-nos dizer a uma mulher mortalmente ferida que ela ficaria boa.

Uma das freiras que falaram conosco depois da bênção estava entusiasmada, ao pensar que Sharon tinha possibilidade de recuperar-se. A mesma freira chamou-me no dia seguinte para dizer que Sharon queria ver-me.

Ela estava sentada na cama do hospital, quando cheguei. Tinha um sorriso luminoso no rosto e os olhos brilhando. Agradeceu-me pela bênção e pediu-me que lesse algumas escrituras. Quando me preparava para partir, pediu-me que ajustasse sua máscara de oxigênio que escorregava continuamente de seu rosto. Ao mexer na tira em volta da cabeça, notei que não havia sinal de ferimentos no crânio. A cabeça estava curada, sem nenhuma evidência de sangramento ou fratura óssea.

Duas semanas depois, Sharon saiu do hospital andando, apenas com o braço numa tipóia e uma pequena atadura na testa. O incidente proporcionara uma rara oportunidade para nós dois. Para Sharon, foi uma ocasião de demonstrar sua extraordinária fé no sacerdócio; para mim, um momento de renovar meu compromisso de prestar serviço como sacerdote, quando quer que fosse necessário. □

*A equipe da sala de emergências do hospital ficou estupefata ao ouvir-nos dizer a uma mulher mortalmente ferida que ela ficaria boa.*



# PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral, respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Há alguma coisa de verdade na idéia de que temos anjos da guarda que cuidam de nós e nos protegem?



Larry E. Dahl,  
professor-assistente de  
história e doutrina da Igreja,  
Universidade Brigham Young.

Nossas escrituras contêm muitas referências a “anjos” e “anjos ministradores”. No entanto, o termo “anjo da guarda” não é usado.

As escrituras nos ensinam a respeito do papel dos “anjos ministradores”, como testificou Mórmon:

“É pela fé que os anjos aparecem e exercem seu ministério em favor dos homens; portanto, ai dos filhos dos homens, se estas coisas tiverem cessado, pois que isso terá acontecido em virtude de sua descrença.” (Morôni 7:37.)

As escrituras mostram que os anjos aparecem e ministram aos homens para:

— anunciar e testificar de acontecimentos relativos à obra e glória de Deus (vide Mateus 1:20-21, 28:1-6; Lucas 1:11-20, 2:8-14; Apocalipse 14:6 até o final; e D&C 88:92-110);

— pregar o evangelho e ministrar “aos filhos dos homens e lhes darem instruções relativas à vinda de Cristo” (Morôni 7:22; vide também Moisés 5:58);

— declarar “a palavra de Cristo aos vasos escolhidos do Senhor, para que dêem testemunho dele” (Morôni

7:31; vide também Mosiah 3:1-27);

— trazer à terra “seus direitos, suas chaves, suas honras, sua majestade e glória, e o poder de seu sacerdócio” (D&C 128:21; vide também D&C 27:12; D&C 110:11-16; e JS 2:68-70);

— proteger e orientar os servos de Deus em tempos de tribulação, de modo que possam cumprir seus propósitos (vide Atos 5:18-20; Daniel 3:28; 1 Néfi 3:29; e Helamã 5);

— trazer conforto, instrução e advertências às pessoas fiéis em tempos de necessidade (vide Gênesis 16:7; Êxodo 23:20-23; Mateus 2:13, 19-20; 1 Néfi 11:14-15:30; e Alma 8:14-18).

Quem são esses anjos? O Senhor revelou que “não há anjos que ministram a esta terra, a não ser aqueles que pertenceram a ela”. (D&C 130:5.) Essas personagens podem ser espíritos que ainda não nasceram na mortalidade, ou que viveram na terra, mas ainda não foram ressuscitados. Ou poderiam ser seres com corpos tangíveis, que foram ressuscitados ou transladados. (D&C 129:1-9.)

O Presidente Joseph F. Smith deu-nos uma pequena visão dos anjos que ministram aos que estão na terra: “Os mensageiros enviados para ministrar aos habitantes desta terra não são estranhos, mas sim nossos familiares, amigos, companheiros e servidores. Os profetas antigos que morreram, foram aqueles que vieram visitar os seus semelhantes sobre a terra. Visitaram a Abraão, a Isaque, e a Jacó; ... tais seres ... ministraram ao Salvador no Monte das Oliveiras... Os nossos pais e mães, irmãos, irmãs e amigos que passaram por esta terra, tendo sido fiéis e dignos de gozar destes direitos e privilégios, podem receber a missão de visitar os seus parentes e amigos na terra, trazendo da presença divina mensagens de amor, de advertência, ou reprovação e instrução àqueles que aprenderam a amar na carne.” (*Doutrina do Evangelho*, pp. 399-400.)

Mas cada um de nós tem determinado “anjo da guarda” para nos acompanhar na mortalidade?

Numa conferência geral de 1973, o Presidente Harold B. Lee falou a respeito das bênçãos recebidas de um mensageiro celeste invisível:

“(Eu) sofria por causa de uma úlcera que a cada dia se agravava. Estávamos viajando em uma missão, minha esposa Joan e eu, quando sentimos, numa certa manhã, que deveríamos voltar para casa o mais rápido possível...

A caminho de casa, ao atravessarmos o país, estávamos sentados na parte dianteira do avião, e alguns dos membros estavam na parte posterior. Em certo ponto da viagem, alguém colocou as mãos sobre minha cabeça. Olhei para ver quem era e não vi ninguém. Mais tarde, esse fato se repetiu antes de chegarmos em casa. Quem era, eu não sei. Por que aquilo havia acontecido, também não sei. A única coisa que sabia é que recebera uma bênção, e mais tarde verifiquei que precisava dela urgentemente.

Logo que chegamos, minha esposa, preocupada, chamou o médico. ... Ele pediu para falar comigo pelo telefone, a fim de saber do meu estado, ao que lhe respondi: “Estou um tanto cansado, mas creio que tudo está bem.” Pouco depois, comecei a ter hemorragias que, se tivessem ocorrido durante a viagem, eu não poderia estar falando-vos aqui, hoje.” (“Permaneça em Locais Sagrados”, *A Liahona*, março de 1974, pp. 46-47.)

O Presidente Lee prometeu também aos jovens da Igreja a ajuda de um “anjo de Deus”:

“Jovens de hoje, viajamos juntos... Pode ser uma tempestade onde a fúria da natureza é desencadeada ou uma comoção mental ou emocional que ameça destruição. Qualquer que seja a ocasião ou causa, podeis, pela fé, intensificada pelo jejum ou “havendo já muito que não se comia”, como Paulo, ter a vosso lado durante a “noite” turbulenta, um “anjo de Deus de quem (sois) e a quem (servis)”.” (*Decisions for Successful Living*, Salt Lake City: Deseret Book Co., pp. 79-80.)

Se cada pessoa tem ou não um “anjo da guarda” é um tópico tratado há alguns anos pelo Élder John A. Widtsoe:

“Sem dúvida, anjos freqüentemente nos guardam de acidentes ou do mal, da tentação e do pecado. Pode-se corretamente falar deles como anjos da guarda. Muitas pessoas prestaram e podem prestar testemunho das diretrizes e proteção que receberam de fontes além de sua visão natural. Sem a ajuda que recebemos da presença constante do Santo Espírito, e de possíveis anjos sagrados, as dificuldades da vida seriam muitas vezes multiplicadas.

A crença comum, no entanto, de que cada pessoa nascida no mundo tem um anjo da guarda designado para estar com ela constantemente, não é confirmada pela evidência de que dispomos... Um anjo pode ser um anjo guardião, embora venha apenas conforme for designado para nos dar ajuda especial. Na realidade, a presença permanente do Santo Espírito parece tornar desnecessária essa companhia angélica constante.

Assim, até que obtenhamos mais conhecimento, podemos dizer que anjos podem ser mandados para nos guardar, de acordo com nossa necessidade; mas não podemos dizer, com certeza, que haja um anjo da guarda especial, para acompanhar cada pessoa constantemente.” (*The Improvement Era*, abril de 1944, p. 225.)

Em nossos dias, tanto o Presidente Joseph Fielding Smith como o Élder Bruce R. McConkie reconheceram que podemos receber ajuda de anjos ministradores em momentos críticos de nossa vida, mas que o verdadeiro “anjo da guarda” de cada pessoa na terra é o poder e a orientação de que dispomos por intermédio da Luz de Cristo e do Espírito Santo. (Vide Joseph Fielding Smith, *Doutrinas de Salvação*, compilado por Bruce R. McConkie, volume I, capítulo 3, pp. 58-59.)

Portanto, a evidência de que dispomos parece mostrar que:

(1) Cada um de nós tem acesso constante a um tipo

de influência protetora, por intermédio da Luz de Cristo e do Espírito Santo.

(2) Anjos ministradores são às vezes enviados para orientar, confortar, proteger e instruir os servos do Senhor e outras pessoas fiéis em tempos de necessidade.

(3) Anjos que ministram em nosso favor — quer visíveis ou invisíveis — podem incluir entes queridos que já partiram e que estão cientes de nossa situação e preocupados com o nosso bem-estar.

(4) A fé é um fator importante na ministração de anjos. □

Nas orações sacramentais, prometemos lembrar-nos sempre de Jesus Cristo. De que maneira podemos lembrar-nos dele?



Doreen Woolley,  
professora do seminário,  
Las Vegas, Nevada.

**A**s orações sacramentais falam de fazermos três coisas: (1) comer e beber “em lembrança” do corpo e do sangue de Cristo, que o sacramento representa; (2) tomar sobre nós o nome de

Cristo e recordá-lo sempre; e (3) guardar os mandamentos. (Vide D&C 20:77-79.)

Em troca, o Senhor promete que poderemos “ter sempre (conosco) o seu Espírito”. Que promessa gloriosa! Mas, o que significa lembrar-se, ou fazer alguma coisa “em lembrança”?

As definições de *lembrar* encontradas no dicionário incluem “trazer à mente ou pensar novamente”, “ter em mente para atenção ou consideração”, e “reter na memória”. Lembrar-se de Cristo, então, implica pensar nele freqüentemente e voltar nossa atenção para seus ensinamentos e seu sacrifício expiatório por nossos pecados. Concentrarmo-nos em Cristo e no seu sacrifício expiatório nos leva a avaliar até onde estamos guardando nossos convênios com ele e fazendo esforço para viver em harmonia com seus ensinamentos. Isto, por sua vez, mais nos aproxima do Senhor, à medida que desfrutamos a companhia do Espírito.

O Presidente David O. McKay ensinou que há três coisas fundamentais associadas à participação no sacramento:

“A primeira é o conhecimento de nós mesmos. É a introspecção... Devemos participar *dignamente*, cada um examinando a si mesmo com relação à sua dignidade.

Segundo, fazemos um convênio...

Terceiro, há uma outra bênção, que é o sentimento de íntimo relacionamento com o Senhor.” (General Conference, abril de 1946, grifo nosso.)

Assim, quando participamos do sacramento, lembramo-nos do passado e pensamos no presente, comprometendo-nos novamente a seguir o exemplo de Cristo no futuro. É confortador saber que não estamos sós nesse empenho; podemos receber ajuda e força de nosso Pai Celestial. Amon reconheceu esse fato, quando disse: “Não me vangloriarei de mim mesmo, mas me gloriarei em meu Deus, pois que com sua força tudo posso fazer.” (Alma 26:12.) À medida que aumentamos nosso poder espiritual participando do sacramento e lembrando-nos de Cristo, acharemos

mais fácil controlar nossos pensamentos, sentimentos e ações.

Lembrar-se do Senhor também significa chegar a conhecê-lo. Podemos chegar a conhecê-lo lendo as escrituras, “(banqueteando-nos) com as palavras de Cristo”. (2 Néfi 32:3.) Outra maneira de chegar a conhecê-lo é seguir o seu exemplo. À medida que nossas ações se tornam mais cristãs, começamos a entender seu grande amor a nós — e aprender a amar como ele ama. Mórmon ensinou que “a caridade é o puro amor de Cristo e permanece para sempre; e todos os que forem achados em sua posse no último dia, bem lhes irá.

Portanto, meus amados, rogai ao Pai com toda a energia de vossos corações, para que possais ser cheios com esse amor, que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu filho, Jesus Cristo; a fim de que vos torneis filhos de Deus e de que, quando ele aparecer, sejamos semelhantes a ele, pois o veremos como é.” (Morôni 7:47-48.)

Quando temos a verdadeira caridade, lembramo-nos de Cristo em tudo o que fazemos. Nossas escolhas são as que ele gostaria de que fizéssemos, e nossa vida reflete sua vontade. Nossas ações diárias tornam-se cristãs, e literalmente somos “mudados de (nosso) estado carnal e decaído a um estado de justiça, e redimidos por Deus, (tornando-nos) seus filhos e filhas”. (Mosiah 27:25.)

Podemos encontrar exemplos de pessoas que entendem esse princípio à nossa volta. Uma irmã que conheço serviu recentemente como guia voluntária numa convenção para cegos. Os membros da Igreja foram chamados a participar com membros de outras denominações, ajudando os participantes a achar em grupos de trabalho, salas de informações. Mas o serviço dessa irmã foi além da convenção. Tornou-se amiga de uma mulher só, que não tinha família para cuidar dela. Passou a ajudá-la nas compras, tarefas diárias e no percurso até o médico. Quando a mulher ficou seriamente doente, essa irmã sentou-se ao lado de sua cama para dar-lhe conforto. Quando morreu essa irmã tomou todas as providências para o funeral e

entrou em contato com um parente que a mulher havia mencionado.

Esse serviço dedicado foi muito além daquilo que a maioria dos voluntários fez na convenção! Eles atenderam às necessidades do momento, mas ela foi além disso e prestou um genuíno serviço cristão. É isto que significa lembrar-se de Cristo. É praticar os princípios que ele viveu e ensinou, e tornar-se cada vez mais semelhante a ele. Agindo como Cristo agiu, nossa compreensão se aprofunda, e cresce nossa capacidade de servir. Tornamo-nos mais capazes de “despojar-nos” do “homem natural” (vide Mosiah 3:19), e de aprender a prestar atenção aos influxos do Espírito.

De certa forma, manter o Senhor em nossos pensamentos é como armazenar informações num computador. Cada ação cristã “programa” nossa memória para uma nova chamada, se necessário. Quando tivermos “armazenado” muitas ações assim, elas se tornarão fáceis de “recuperar” e começaremos a praticá-las tão facilmente, quase tão automaticamente, quanto um computador recupera a informação armazenada, quando as teclas certas são apertadas.

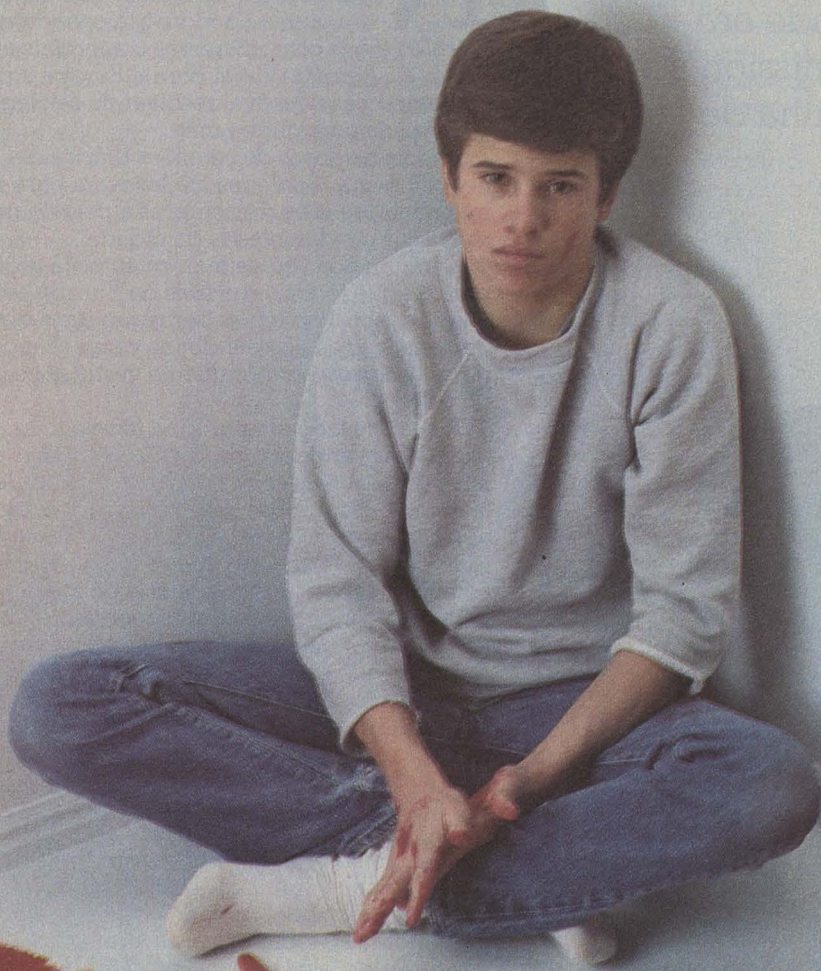
Enquanto ainda começamos a entender o princípio da lembrança e como ele nos pode levar ao amor de Cristo, precisamos às vezes de “lembretes” tangíveis para nos ajudar. Muitas coisas podem servir como “lembretes”: o sacramento; as escrituras; gravuras de Cristo, dos templos e das Autoridades Gerais; boa música; noites familiares; serviço; orações pessoais e familiares; tomar sobre nós o seu nome e esforçar-nos para adotar seus atributos, atitudes e ações.

Embora o Senhor nos tenha ordenado que “(praticássemos) a virtude e santidade diante (dele)” (D&C 38:24), ele sabe que não nos tornaremos perfeitos da noite para o dia, a chave é a *prática*. À medida que praticamos lembrar-nos de Cristo todas as semanas durante o sacramento, torna-se mais fácil seguir o seu exemplo. À medida que o seguimos, tornamo-nos mais semelhantes a ele, recebendo “graça por graça”, indo “de graça em graça”, até que sejamos glorificados em Cristo e recebamos a plenitude da glória de Deus. (Vide D&C 93:11-20.) □

MENSAGEM MÓRMON

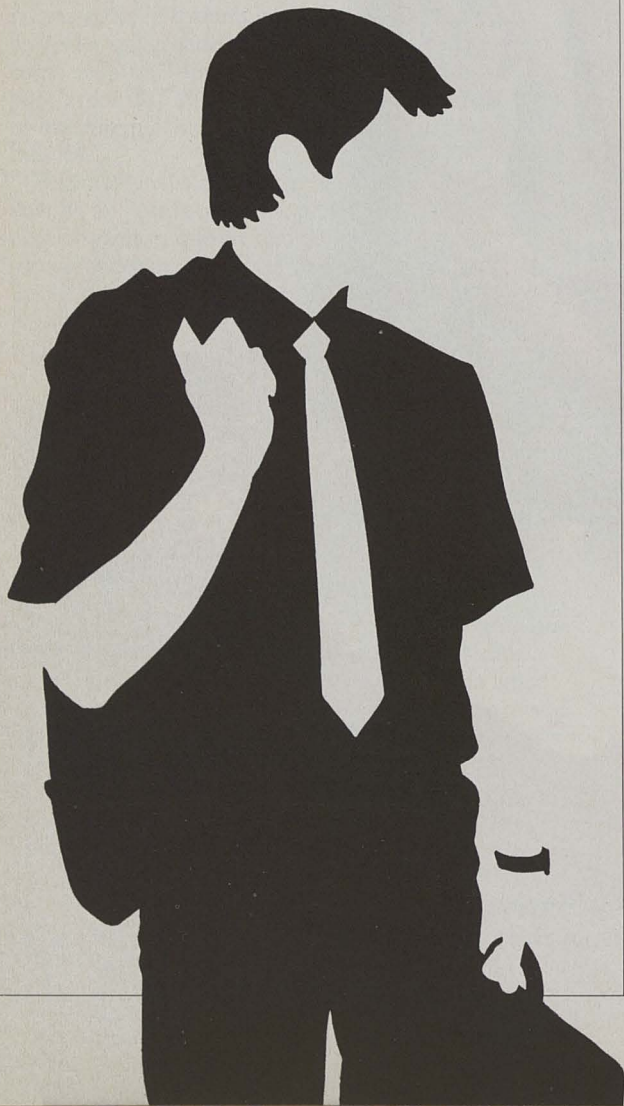
# HÁ UMA SAÍDA

Grant Heaton



Quando pecamos, nós pintamos a nós mesmos num canto. O arrependimento é a única saída.

Numa rua, onde muito do que é ruim na sociedade era apresentado, os missionários constituíam uma ilha de espiritualidade.



No verão de 1975, eu tinha 25 anos, e meu pai acabara de morrer. Ele havia-se envolvido na indústria canadense de petróleo e gás com interesses comerciais em outras partes do mundo. Viajei para a Europa e passei um tempo considerável resolvendo seus assuntos comerciais para minha mãe.

Depois de horas de reuniões diárias de negócios, meus colegas me levavam para relaxar numa famosa área de compras e passeio numa das ruas mais movimentadas da cidade.

Com um dos verões mais quentes já registrados, parecia que todos os turistas da Europa estavam naquela rua. Podiam-se ver pessoas de várias nacionalidades passeando, às vezes usando seus trajes típicos ou escassamente vestidas por causa do calor.

A rua era ladeada por uma fila de lojas exclusivas vendendo produtos caros, mas exibia também algumas coisas do lado sórdido da vida — teatros pornográficos, as chamadas livrarias para adultos, além de bares. E, em vivo contraste com tudo o que os cercava, quatro missionários SUD com uma exposição missionária de rua.

Sua presença parecia surpreendente, mesmo para um não-membro como eu. Nessa rua, onde muito do que é ruim na sociedade era apresentado, os missionários constituíam uma ilha de espiritualidade.

Como eu ainda estava discutindo negócios, não pude falar com os missionários, mas os observei. Notei que nenhum dos jovens olhava para as jovens que andavam pela rua, não importa quão escassamente vestidas estivessem. Fiquei um tanto impressionado com isso. Decidi que voltaria e os encontraria à noite, quando estivesse livre do trabalho; mas, todas as vezes que voltei para encontrá-los, eles haviam ido embora. Parecia que nunca conseguiria achá-los.

Tive de deixar a cidade por alguns dias, mas pouco depois de minha volta, vi dois missionários andando na mesma rua. Posteriormente descobri que era seu dia de preparação.

Enquanto andavam, eles olhavam as vitrinas das lojas. Decidi seguir atrás deles e olhar as mesmas vitrinas que eles olhavam, para ver o que os interessava. Descobri que estavam olhando sapatos ou casacos, e quando deram uma olhadela numa livraria, era uma que vendia apenas livros didáticos. Eles não ficavam olhando as casas de vinho nem outras lojas que ofereciam literatura ou arte questionável.

Planejei encontrar os missionários em sua

exposição de rua dentro de um dia ou dois, mas, de repente, os negócios terminaram e eu estava a caminho do Canadá.

Chegando em casa, esqueci-me um pouco do que sentira observando os missionários. No entanto, por meio da referência de um amigo, alguns missionários marcaram uma hora comigo.

Quando deixei os

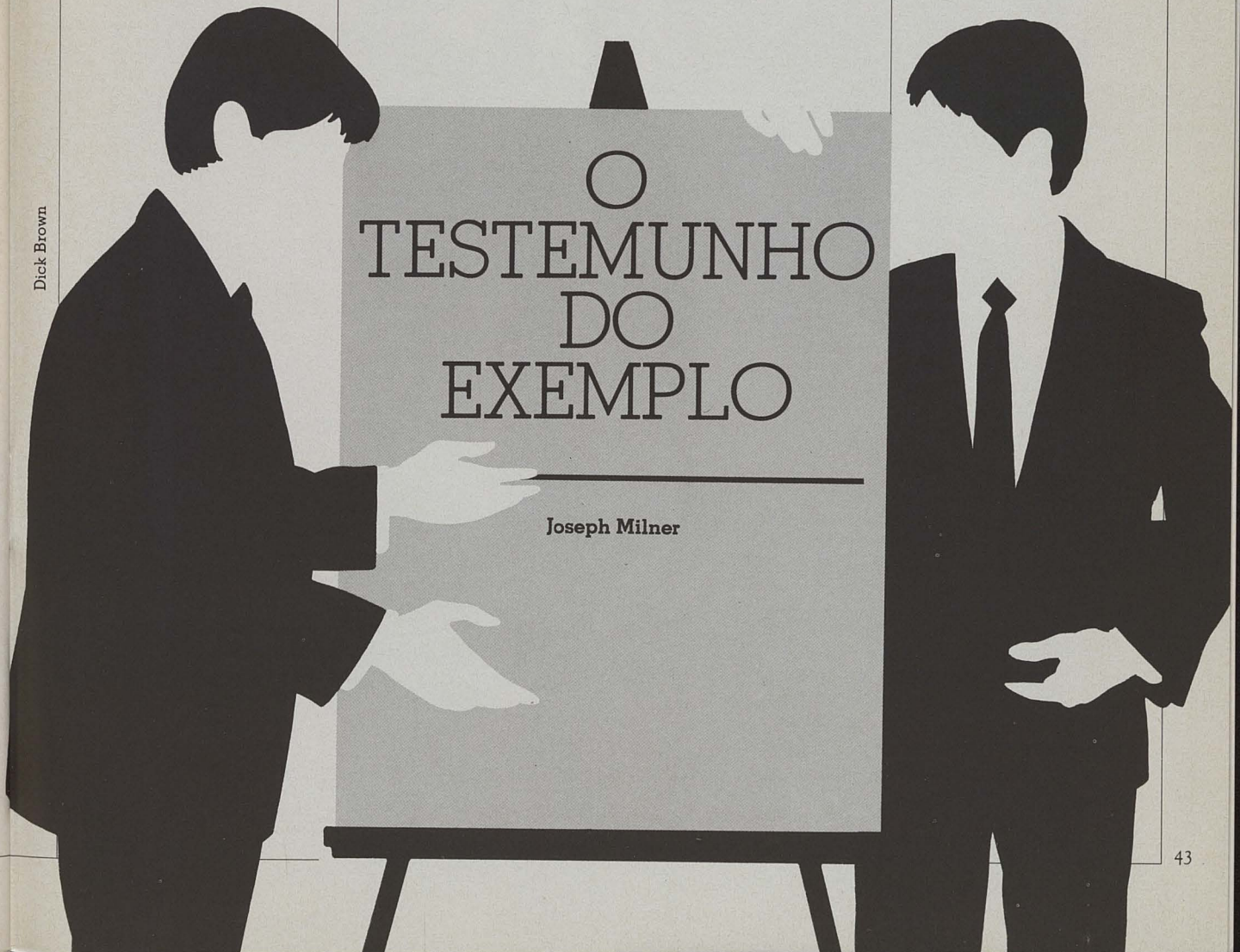
dois jovens entrarem no apartamento, senti o mesmo que naquela rua na Europa, quando vi os missionários. Sentei-me e ouvi a primeira palestra. Olhei nos olhos dos élderes, consciente da sinceridade de seus testemunhos, e senti como se os conhecesse a vida inteira. Depois de várias semanas de palestras missionárias, filiei-me à Igreja.

Tenho pensado com freqüência nos missionários que vi na Europa. Se os dois que segui tivessem parado em frente a uma taverna, rindo ou brincando a respeito de cerveja, ou se tivessem entrado em alguma das lojas que costumam despertar a curiosidade dos jovens, ter-se-ia perdido o impacto de seu exemplo sobre mim.

O povo passava perto daqueles missionários naquele verão. Eles nunca souberam que eu os

estava observando e que sua presença me prestou testemunho. Jamais souberam que seu exemplo foi o que me influenciou e me tornou receptivo à mensagem do evangelho. Embora nunca tenham falado com muitas pessoas naquela rua, pergunto-me quantas outras foram influenciadas, como eu, simplesmente pelo seu exemplo. □

Dick Brown





# UMA LIÇÃO NO FERRIO



À reunião de  
nosso quorum do  
sacerdócio

chegara ao fim.

— E esses são todos os  
anúncios e designações — disse  
nosso consultor do quorum, o  
Irmão Reed. — Ah, mas eu  
gostaria de ver Greg e Tom  
Glenn depois da aula, se vocês,  
rapazes, não se incomodarem.

“Ah, não!” pensei comigo  
mesmo. “Acho que temos algum  
tipo de problema.” Inclinei a  
cabeça, cruzei os braços  
desejando que a oração de  
encerramento nunca terminasse.

Ambos sabíamos por que o  
Irmão Reed queria ver-nos. Tom  
e eu não chegávamos  
pontualmente na reunião do  
sacerdócio há semanas. Às vezes  
simplesmente não íamos, e  
outras nos esqueirávamos pela  
porta e nos sentávamos na última  
fileira, bem a tempo de receber  
nossas designações para a  
reunião sacramental e sair.

Bem, não era porque  
estivéssemos levantando tarde ou  
perdendo tempo em casa. Ao

contrário. Estávamos  
completamente acordados todas  
as manhãs às 4h30 min, para  
cumprir as tarefas na fazenda de  
gado leiteiro onde morávamos.  
Papai tivera, recentemente, um  
ataque cardíaco, e desde aí,  
Tom e eu tínhamos o encargo de  
ordenhar as vacas e deixar tudo  
limpo, e fazer o resto do outro  
trabalho relacionado ao leite.  
Tínhamos acostumado as vacas a  
um horário que nos permitia  
chegar facilmente na hora à  
escola durante a semana; mas,  
aos domingos, acabar tudo,  
tomar banho, vestir-nos e chegar  
na reunião do sacerdócio às  
7h30min era difícil. Com toda a  
trabalheira que tínhamos,  
pensamos que já estávamos  
fazendo muito em ir à reunião do  
sacerdócio.

Apesar disso, evidentemente o  
consultor do nosso quorum dos  
sacerdotes não pensava assim.  
Depois de todos os outros saírem  
da sala, o Irmão Reed puxou  
uma cadeira para perto de nós.  
— Rapazes — disse ele, num  
tom surpreendentemente gentil,

— falta realmente alguma coisa  
no quorum, quando vocês não  
estão aqui. O que estou fazendo  
de errado? Minhas aulas são  
maçantes, ou é alguma coisa que  
eu faço pessoalmente que os  
aborrece?

Meu irmão e eu não  
chegávamos  
pontualmente na  
reunião do  
sacerdócio há  
semanas. Às vezes  
simplesmente não  
íamos.

---

**Gregory Glenn, conforme relato  
feito a Lisa A. Johnson**



Pensávamos que seríamos repreendidos, mas lá estava o Irmão Reed, achando ser ele a razão pela qual nos atrasávamos. Ambos começamos a explicar que não era absolutamente culpa dele, e lhe falamos do trabalho na fazenda.

— Bem, faria alguma diferença se eu fosse até lá no domingo de manhã e ajudasse um pouco? Seria um privilégio para mim, e poderia ajudar vocês a chegarem a tempo na reunião do sacerdócio. O que me dizem? A que hora começa o trabalho? — perguntou.

Tom e eu tivemos simultaneamente o mesmo pensamento. Não podíamos deixar o Irmão Reed fazer aquilo. Em primeiro lugar, 4h30 min era cedo demais para fazer alguém sair da cama e largar a família numa manhã de domingo. Segundo, não queríamos que ele tivesse de suportar a temperatura glacial do inverno. E terceiro, não havia muito que ele pudesse ajudar, de qualquer maneira, porque não iríamos deixá-lo fazer o trabalho realmente sujo.

Assim, quando perguntou quando começávamos, dissemos-lhe 3h30 min da manhã, achando que nenhuma pessoa sensata se levantaria a essa hora, por mais que quisesse ajudar. Agradecemos ao Irmão Reed o oferecimento sincero, apertamos sua mão e lhe asseguramos que procuraríamos fazer mais um esforço para chegar pontualmente nas nossas

reuniões.

Não pensamos muito sobre seu oferecimento durante o resto da semana até domingo, quando saí da cama às 4h15 min de uma manhã muito fria. Olhando pela janela, fiquei chocado ao ver o velho carro do Irmão Reed estacionado junto à nossa casa. Enfiei-me depressa nas roupas, corri para fora e bati na janela do carro.

— Bom dia — disse ele alegremente, ao abrir a janela do carro. Suas palavras formaram pequenas nuvens geladas no ar entre nós. Ele saiu e apertou-me a mão, e notei que suas mãos estavam mais geladas do que eu jamais sentira. Era óbvio que estivera esperando algum tempo — provavelmente desde às 3h30 min.

— Entre, enquanto Tom se veste — convidei, fazendo-o entrar em casa. Então corri para certificar-me de que Tom estava pronto para o trabalho.

Em poucos minutos, o Irmão Reed, Tom e eu estávamos caminhando com dificuldade pela neve em direção ao estábulo. O que não havíamos exagerado era a quantidade de trabalho que havia para fazer; e o Irmão Reed fez o melhor que pôde.

Enquanto ordenhávamos as vacas, o Irmão Reed parou um segundo e, um tanto timidamente, perguntou: — Vocês acham que eu poderia tomar um golinho desse leite? Quase esqueci o gosto de leite fresco.

Preocupamo-nos muito com o consultor de nosso quorum. Demos-lhe não só um gole, como embalamos vários litros de leite para que os levasse à sua família. Era o mínimo que podíamos fazer por ele.

A hora do início da reunião do sacerdócio estava cada vez mais próxima, e o trabalho ainda não terminara. Finalmente, o Irmão Reed nos disse que teria de ir para casa e preparar-se para a Igreja.

— Agora entendo por que é tão difícil para vocês, rapazes, chegarem na hora. Procurarei mostrar um pouco mais de consideração no futuro — disse ele, enxugando o suor da testa, e saiu do estábulo em direção ao seu carro.

Vocês deveriam ter visto a expressão de surpresa em seu rosto, quando chegou na Igreja e já nos encontrou lá. Decidíamos que, se ele se preocupava o suficiente para sair numa manhã terrivelmente fria para nos ajudar, poderíamos trabalhar um pouco mais depressa e ajudá-lo. Não posso dizer honestamente que ambos chegávamos na hora a todas as reuniões a partir daí, mas realmente procurávamos que pelo menos um de nós estivesse lá todos os domingos.

E descobrimos que as aulas do Irmão Reed eram realmente muito boas. Mas nenhuma delas jamais se comparou à aula que nos deu a respeito de serviço e amor naquela manhã fria de inverno. □

## LEMBRO-ME DAQUELAS PALAVRAS

Trista Crossley

**E**i, Trista, você ainda está almejando aquele reino celestial do qual me falou? — perguntou minha prima.

Eu estava despreparada para a pergunta, e gaguejei por um momento, enquanto tentava lembrar a respeito do que ela estava falando. Então lembrei-me. No último verão, durante a visita de minha família à Califórnia, minha prima e eu estivéramos conversando até tarde da noite quando, não sei por que, passamos a falar da Igreja. Minha prima não é membro e sabia muito pouco sobre a Igreja; assim, quando me pediu que falasse da Igreja, concordei alegremente. Contei-lhe o que pude: a história de Joseph Smith, nossas crenças, meus sonhos e receios — incluindo minha meta de alcançar o reino celestial. Prestei-lhe testemunho e disse-lhe que sabia ser o evangelho verdadeiro. Contei-lhe como eu queria viver para sempre com um companheiro escolhido, e ter minha família comigo. Ela ouviu atentamente e me fez muitas perguntas, às quais respondi o melhor que pude. Fomos dormir naquela noite, ela pensando nas coisas que eu lhe dissera, e eu sentindo-me bastante satisfeita com meu trabalho missionário.

Agora, sete meses depois, eu estava surpresa de que se lembrasse do que eu lhe dissera.



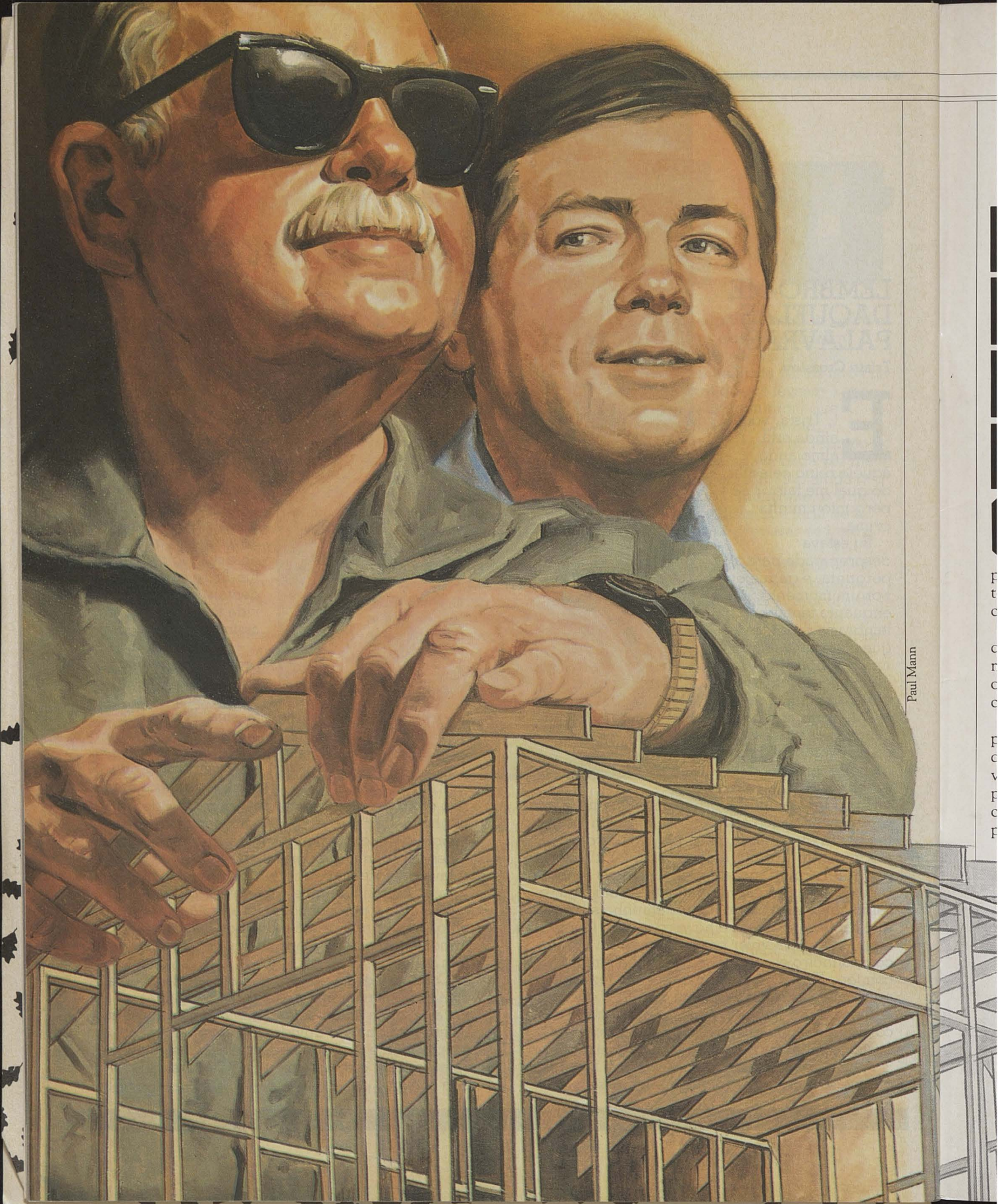
— Bem, ainda está almejando? — Ela olhou para mim na expectativa de uma resposta.

Engoli em seco, olhei fixamente pela janela a neve que caía, observando cada floco fundir-se com os demais. Se ao menos a vida fosse tão simples assim!

— Ainda estou procurando alcançar o reino celestial? — perguntei a mim mesma. Pensei nos últimos meses e sabia que não me estivera esforçando com afinco. Minhas notas na escola

não eram tão boas quanto deveriam ter sido, minha melhor amiga não era mais minha melhor amiga, o relacionamento familiar deixava bastante a desejar, e, mais importante de tudo, estava-me tornando cada vez menos ativa na Igreja. Ali sentada, tive uma nova visão de minha vida e percebi como fora vazia. Virei-me e olhei para minha prima e disse calma, mas firmemente, com os olhos cheios de lágrimas: — Sim, estou.

Como sou grata por ter um Pai Celestial que me ama o suficiente para me lembrar de minhas metas. Com a ajuda dele, posso alcançar o reino celestial. E quando duvido de mim mesma, simplesmente lembro-me daquelas duas palavras: "Sim, estou", e sei que meu Pai Celestial está comigo. □



Paul Mann

F  
t  
C  
C  
R  
C  
C  
F  
C  
V  
F  
C  
F

# MEU PAI E O HOMEM CEGO

**Dennis K. Allen.** Lembro-me dele aos cinquenta anos de idade, alto e forte. Usava macacão, pesados sapatos de trabalho e óculos escuros o tempo todo. Amigo de meu pai, morava sozinho, mas trabalhava para nós de vez em quando. Seu nome era John, e era cego há mais de quarenta anos. John morava numa casa inacabada de um só cômodo, com paredes tortas e uma chaminé mais torta ainda. Sua casa estava desarrumada e cheirava a umidade e deterioração, frituras, tocinho defumado, borra de café, e fumaça de carvão e lenha. John havia construído a casa — e esse era o motivo das paredes e chaminé tortas. Comia principalmente tocinho e ovos, batatas fritas, pão e leite — e essa era a causa do cheiro.

Embora a casa de John ficasse cerca de dois quilômetros e meio da nossa casa, e mais ou menos à mesma distância do pequeno armazém onde comprava os víveres, ele andava confiante por aquelas estradas de cascalho com uma rapidez que eu invejava.

Fazia pequenos serviços de carpintaria para as pessoas da cidade, se elas não fizessem muita questão quanto à qualidade do produto final. Num certo verão, trabalhou com meu pai na construção de um posto de abastecimento de automóveis. John costumava andar até nossa casa, trabalhar com meu pai durante o dia, comer um lanche que minha mãe preparava, sentado numa pilha de tábuas, e depois andar de volta à noite. Meu pai sempre ficava olhando até que John estivesse fora do alcance da vista.

Durante os meses de primavera e inverno, meu pai dirigia um ônibus escolar, levando e trazendo as crianças da vizinhança da escola. Sua rota com o ônibus fazia-o passar pela casa de John quatro vezes por

dia. Ele costumava tocar a buzina, as crianças acenavam, e John retribuía da sua janela o aceno como se pudesse ver o rosto da criança. Quando John dormia demais e não estava na janela, ou se não havia fumaça saindo da chaminé torta, meu pai parava e gritava da porta do ônibus: “John, como você vai fazer as coisas, se dormir até o meio-dia?” John vinha até a janela e dava qualquer desculpa a respeito de seu despertador não estar funcionando bem, e meu pai continuava o caminho.

Recordando como meu pai costumava comunicar-se com John, fez nascer uma admiração duradoura por ele. Meu pai não estudou quaisquer livros, nem ouviu qualquer conferência de professores universitários a respeito de como ajudar pessoas cegas a serem independentes. Ele apenas usou de bom senso e era sensível a John como pessoa. Via-o quase diariamente, para certificar-se de que ele estava bem, mas não me lembro de ter feito perguntas como: “John, você está bem? Há algo que eu possa fazer por você? Posso levá-lo para algum lugar?”

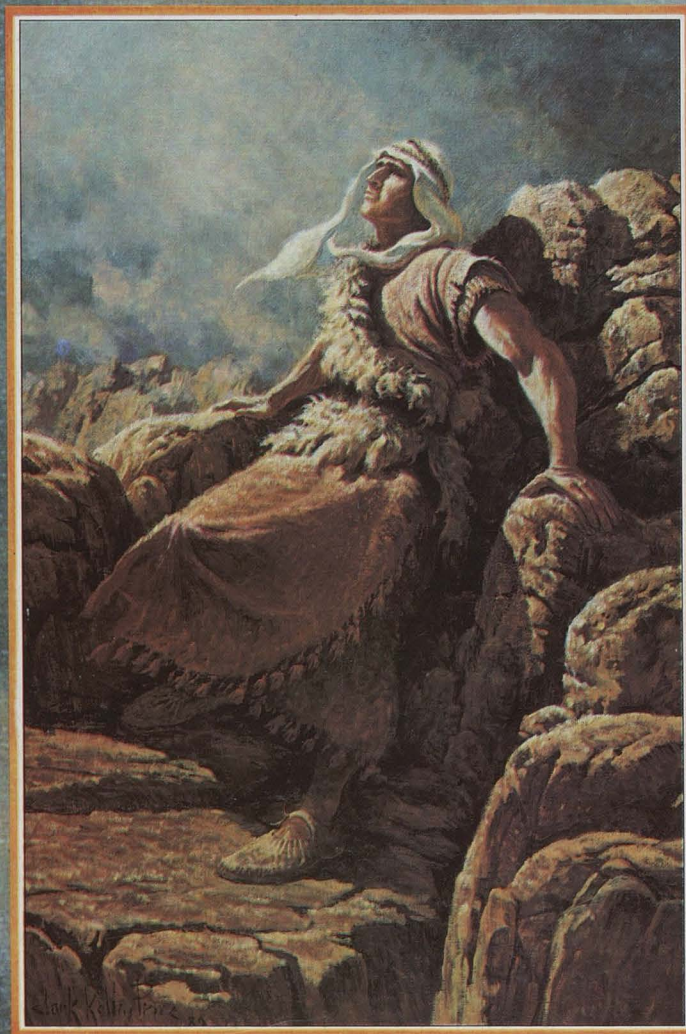
Ao invés disso, meu pai perguntava: “John, estive preparando um discurso. Você gostaria de ouvir e dizer o que acha dele?”

“John, vou trabalhar numa construção. O que você acha de fazer desta maneira? Poderia ajudar-me?”

Meu pai sempre pedia a ajuda de John, e sempre recebia essa ajuda; mas, na realidade não estava recebendo nada — estava dando. Em todos os seus contatos com John, a mensagem de meu pai era: você é uma pessoa, você é importante, sua opinião significa alguma coisa, você tem o direito de estar aqui; a dignidade humana é eterna e essencial.

Naquela época, quando uma pessoa não podia mais tomar conta de si mesma, ia para um “abrigo de pessoas idosas”. Aos setenta e um anos e doente, John decidiu mudar-se para uma dessas instituições, e foi como abrir uma nova porta para ele. Ali recobrou a saúde e encontrou uma mulher feliz a quem chamava de Brilho do Sol. Brilho do Sol jamais conseguira andar. John, com seus braços e pernas fortes, podia ajudá-la a movimentar-se, e ela podia enxergar por ele. John mudou de vida, converteu-se novamente à Igreja, casou-se no templo, e levou uma vida nova e feliz durante treze anos antes de ele e sua querida companheira falecerem. Ninguém ficou mais feliz por John naqueles últimos anos do que meu pai, que me mostrou como servir o próximo conforme o Salvador teria servido — com amor, compaixão e respeito. □

**E** DEPOIS DE HAVER EU, NÉFI, ESTADO PELO ESPAÇO DE MUITOS DIAS EM ABUNDÂNCIA, A VOZ DO SENHOR CHAMOU-ME E DISSE: LEVANTA-TE E VAI À MONTANHA. E, LEVANTANDO-ME, FUI À MONTANHA E CLAMEI AO SENHOR.” (1 NÉFI 17:7.)



LDS CHURCH  
TRANSLATION DIVISION  
LIBRARY